

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Directora: Nassalete Miranda / 10 NOV 21 / N.º 302 / Preço: 2 euros / Quinzenalmente às quartas

Publicação de interesse Cultural e Literário reconhecida
pela Secretaria de Estado da Cultura

Peregrinar Como "Cultura de Paz"

AVIDA
DOS
LIVROS // EM
NOTÍ
CIA 3 e 21



NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.



Nassaete Miranda
Directora

Entre Sentidos

*Enquanto muitíssimos se preocupam com o espaço para o corpo
e lutam pela geografia do poder,
eu só preciso de um recanto para o espírito,
de uma folha para o exercício da estética,
de um livro para o pensamento
e de uma porção de bondade para a liberdade de consciência.*

J. Alberto de Oliveira

A Assembleia da República já foi dissolvida oito vezes desde o 25 de Abril de 1974 e todos os chefes de Estado eleitos em democracia utilizaram este poder constitucional, incluindo agora o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa. Só Ramalho Eanes nos seus dois mandatos dissolveu o Parlamento três vezes, mas nenhuma delas, nem das posteriores, por falta de aprovação do Orçamento de Estado. A deste ano 2021 é uma inovação parlamentar e para lamentar! Resultado: eleições legislativas a 30 de Janeiro do próximo ano. Eleições, completamente dispensáveis se as prioridades dos partidos eleitos e com assento no Parlamento fossem pensar o País e um povo que os elegeu e lhes paga os ordenados com os seus cada vez mais sufocantes impostos!

Agora quem assume as culpas desta crise política que se junta às já existentes crises económica, social e sanitária? “Ninguém”. Não há viva alma entre os 230 deputados que tenha a honestidade de falar claro, de dizer que houve precipitação, que se mantiveram fechados nos seus interesses partidários e deixaram para o vizinho a decisão de aprovar o Orçamento de Estado, que é apenas o instrumento fundamental para a gestão do País.

Este “encolher de ombros” e esta irresponsabilidade parlamentar atira

os portugueses para mais um acto eleitoral e respectiva despesa em tempos de pandemia, com o número de infectados a crescer, e adia o nosso futuro em, pelos menos, mais meio ano!

Muito bonito! Podem esfregar as mãos de contentes, porque é em período de Natal e de Ano Novo que os partidos concorrentes a formar governo, vão atrair as atenções dos eleitores para os seus programas!

Eu sei perfeitamente que pouco sei e, em matéria deste jogo político (que não é de xadrez porque este exige inteligência, atenção e saber antecipar as jogadas dos parceiros), sinto que cada vez sei menos. E não é um sentimento confortável, antes uma irritação cutânea de cada vez que penso que temos deputados a mais (180 seriam mais do que suficientes), que estes deveriam ser eleitos por círculos uninominais e escolhidos não pelo seu “seguidismo militante”, mas sim pelas demonstradas capacidades de trabalho, honestidade e manifesto conhecimento da importância do seu desempenho. Mais defendo a exclusividade do seu trabalho. Uma questão de transparência. Simplesmente!

Não há decisões inconsequentes, muito menos em política. Manter um regime democrático, que em Portugal viu a luz do dia há mais de 47 anos, está provado e comprovado, que não é para todos!

Cabe agora ao povo português decidir como pretende viver o seu futuro. Há que ser exigente e, de uma vez por todas, não deixar que seja a abstenção a ganhar o “nosso pão”.

Vem aí nova campanha eleitoral e teremos todos de estar atentos para decifrar intenções e promessas e saber ler nas palavras o dia de amanhã de cada um de nós! Só espero que não incomodem nem convoquem o Pai Natal nem o Menino Jesus, porque o voto deles não conta!

A todos boas leituras em artes feitas.

ENTRE NÓS

William Trevor no Clube de Leitura da BMAG

«O Aniversário de Timothy», conto que integra a obra «Depois da Chuva», de William Trevor, é a proposta para a próxima sessão da iniciativa Contos, Retratos e Memórias - Clube de Leitura, que se desenvolve na Biblioteca Municipal Almeida Garrett (BMAG), no Porto. A iniciativa é quinzenal, às quintas-feiras, entre as 18h30 e as 20 horas, e

destina-se ao público em geral. A sessão que abordará um conto daquele que “é considerado há muito um dos maiores escritores de contos” realiza-se a 18 de Novembro. A antologia onde se insere «O Aniversário de Timothy» é composta por 12 histórias. A participação é livre, mas de inscrição prévia obrigatória [bmp@cm-porto.pt].



Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

Peregrinar a Compostela

Na cultura europeia, os caminhos de Peregrinação têm uma importância significativa, originalmente em virtude da cristianização medieval, que permitiu a atualização de muitas tradições pagãs, utilizadas como fatores de diálogo entre populações diferentes, no âmbito de uma rede que tinha como centro a cidade de Roma, como sede pontifícia e símbolo da unidade e universalidade do catolicismo. O Império Romano do Ocidente deu lugar à República Christiana, marcada por diversos caminhos de Peregrinação, considerando que “todos os caminhos vão dar a Roma”. Na Península Ibérica, a partir do século VIII, a ocupação islâmica determinou um movimento de Reconquista cristã, iniciado nas Astúrias e no sul de França, com a vitória de Poitiers (732). A importância da peregrinação de Santiago de Compostela relaciona-se com este movimento. Em finais do século VIII difunde-se no noroeste peninsular a lenda de que aí estaria o corpo de Santiago Maior. Cerca de 812 um eremita de nome Pelágio teria avistado uma estrela no Bosque de Libredón. Tal facto foi comunicado ao Bispo de Iria Flávia, Teodomiro, que se deslocou ao local e identificou o achado, no qual encontraria o corpo decapitado do apóstolo nos restos de uma antiga capela num cemitério romano. A esta referência associou-se a chegada à região de uma população moçárabe, que assim passou a ter condições para a prática da sua religião cristã. A designação Compostela constituiria uma derivação do latim “Campus Stellae”, a evocar a descoberta revelada a Teodomiro. Nesse local haveria uma antiga festa pagã ligada ao culto do Sol em Finisterra. O tempo viria a tornar festividade dedicada a Santiago Apóstolo de grande importância, a partir da forte ligação às tradições dos trovadores da Provença e do Languedoc, no sul de França, confirmando a ligação de todo o norte peninsular às raízes culturais comuns e às necessárias condições de segurança, perante a influência muçulmana.

Em 1075, o Bispo Diego Páez iniciou a construção da Catedral românica dedicada a Santiago, graças aos recursos financeiros gerados com o sucesso da presença de peregrinos europeus. Deste modo, Compostela ganhou evidente peso político no novo Reino de Leão.

Em 1120, o arcebispo Diego Gelmirez obteve do Papa Calisto II a transferência da Sé Metropolitana de Mérida para a igreja compostelana, em detrimento do primaciado dos Arcebispos de Braga. E o Prelado de Santiago de Compostela ganhou jurisdição eclesiástica sobre a maioria das dioceses das Astúrias e de Leão, além de possuir um importante e rico domínio feudal até ao Atlântico. Em 1102, o poderoso arcebispo Gelmirez levou de Braga, pela calada da noite, num verdadeiro assalto, as relíquias do bispo bracarense S. Frutuoso e dos mártires S. Silvestre, S. Cucufate e Santa Susana. Tal atitude, algo comum no período medieval, teve como justificação a necessidade de dar às relíquias devida adoração em Santiago de Compostela. O episódio conhecido como “pio latrocínio” foi origem de um longo conflito entre Braga e Compostela, apenas reparado em 1966 e 1993, quando as relíquias regressaram a Braga.

Se há uma ligação evidente na cultura galaico-portuguesa a Santiago de Compostela, há consequências políticas deste último conflito, com peso indiscutível nas reivindicações independentistas dos barões de Entre Douro e Minho, ciosos das prerrogativas de Braga e do Porto. Se as tentativas de Diego Gelmirez de criação de uma teocracia, que ameaçava também o Reino de Leão, não tiveram sucesso, a verdade é que viria a ser o futuro Reino de Portugal beneficiário da autonomia cultural e linguística do polo de Compostela, pela adoção por D. Dinis do galaico-português como língua oficial. O desenvolvimento cultural suscitado pela influência trovadoresca e pela ligação europeia de galaico-portugueses e provençais, ao longo do Caminho de Santiago, viria a reforçar a autonomia estratégica do ocidente marítimo peninsular, autêntico herdeiro da tradição jacobea. A relação galaico-portuguesa permitiu a aproximação ibérica de que falava Miguel de Unamuno, compreendendo a diversidade histórica e considerando que há caminhos diferentes que visam um património comum, cultural e linguístico, além de se inserir num mundo complexo das culturas múltiplas geradas nesta língua comum de peregrinos e trovadores.

Lembramos Martim Codax, Afonso X, Meendinho (da ermida de S. Simão da ria de Vigo), mas também Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Eduardo Pondal ou o Padre Feijó – e deste modo encontramos raízes antigas das cantigas de amor, das cantigas de amigo e do escárnio e mal-dizer, que nos projetam no futuro. E a língua portuguesa conduz-nos a várias culturas que se desenvolvem e enriquecem mutuamente. No tempo em que o multilinguismo está na ordem do dia e deve ser desenvolvido, a afirmação da língua e das literaturas providas do galaico-português exige mais conhecimento mútuo e vontade comum. E quando Fernando Pessoa fala da pátria como língua, o que reclama é o dever de comunicação e a responsabilidade de uma “memória criadora”.

Falar do Caminho de Peregrinação de Santiago é considerar a tradição do galaico-português, e lembrar as origens da língua em que nos exprimimos, e recordar uma história cultural que nos leva a raízes muito antigas da Europa desde a reconquista até à modernidade, o que nos conduz a um diálogo com os povos peninsulares, desde o império romano aos berberes e árabes até à cultura moçárabe, passando pelo cadinho que hoje nos caracteriza. E é extraordinário ver como a língua do ocidente peninsular se tornou universal. As raízes históricas dos caminhos de peregrinação (“per agros”) superaram em muito as tradições antigas – as origens religiosas, reforçaram-se pelas práticas culturais e hoje o conceito moderno de património cultural conduz-nos à importância crescente dos roteiros além-fronteiras e às redes de cooperação cultural, educativa, científica, ambiental e turística. O caso das Peregrinações de Santiago liga-se a uma rede muito diversificada de roteiros culturais que se desenvolveu na Europa, mas hoje se projeta mundialmente e constitui decisivo fator de uma Cultura de Paz, que tem sido defendida na UNESCO, mas também no Conselho da Europa, segundo o espírito da Carta das Nações Unidas e os objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura.



Júlio Conrado
escritor

Livros que deixaram marca

VAGÃO J, DE VERGÍLIO FERREIRA

FOTO: DR



O título deste texto bem poderia ser *Aparição*, o romance de Vergílio Ferreira que maior celeuma levantou quando da sua publicação e que selou o afastamento do escritor do núcleo neorrealista inicial ao reivindicar uma viragem existencial que narra as vicissitudes de um professor do liceu colocado na cidade de Évora, entronizando esta na Literatura, mas também poderia ser *As Polêmicas de Vergílio Ferreira*, com que o jovem estudioso Jorge Costa Lopes escalpelizou os muitos casos inerentes a uma deriva ideológica tão radical e espectacularmente objectivada na praça pública.

Porquê, então *Vagão J*? Como curiosidade maior, a edição do livro que me chegou às mãos, no qual já se divisava o talento do autor ainda que

obedecendo ao programa que preconizava a luta de classes de inspiração marxista como orientação prioritária, tropeçou na censura estadonovista que proibiria a circulação do livro. Dizia assim o censor de serviço: *Parece que o autor esteve em qualquer vila ou aldeia, e escolheu para protagonista do seu romance a família mais asquerosa do povoado, a família Borralho. É uma família de degenerados, sem escrúpulos, mãe e muitos filhos, dormindo todos no mesmo quarto, em que os pais têm relações sexuais diante dos filhos sem o mais leve pudor de parte a parte. A filha mais velha, que a dada altura foi servir para uma casa rica, era induzida pela mãe a roubar a patroa e a ter relações sexuais com o filho da casa, para obter recompensas. De vez em quando o autor salienta a questão social, pondo em destaque a diferença entre ricos e pobres e mostrando bem o rancor que se apodera dos segundos pelos primeiros, quando postos em presença uns dos outros. O romance gira todo em volta destas misérias sociais, como se pode ver com facilidade em diferentes páginas que são assinaladas. Em vista do exposto, sou de opinião que o livro não deve ser publicado.* Assinado: Borges Ferreira, capitão. Seis de Março de mil novecentos e quarenta e sete.

O romance viria a ser editado e incluído numa colecção de Novos Prosadores da Coimbra Editora, na qual figuram trabalhos com a assinatura dos nomes mais cotados do Neo-Realismo pioneiro.

Quanto às *Polêmicas*, conheci Jorge Costa Lopes pessoalmente em Gouveia quando lá fui receber o prémio Vergílio Ferreira de dois mil e seis, em plena investigação, então apoiado por Alípio de Melo, especialista em V.F., mal suspeitando ainda estar em presença de um dos mais dotados ensaístas que só graças a um tremendo esforço de investigação, pundonor e autêntica admiração pôde arrancar um Prémio Revelação da Associação

Portuguesa de Escritores. Lopes não andou só a reunir materiais para que o seu livro não deixasse passar fosse o que fosse de relevante do tema escolhido, como exibiu um estilo literário soberbo, desafiou no leitor o prazer de ler, jogando até, uma vez por outra, com vocabulário típico do futebol, mas sempre para aclarar um conceito ou uma ideia assim tornados mais acessíveis. O ensaísta leva-nos a controvérsias saborosas – casos de Alexandre Pinheiro Torres, Afonso Cautela, Cónego Alegria, Casais Monteiro, Mário Sacramento, extensa bibliografia, e é minha opinião de que este livro de Jorge Costa Lopes a par da Conta-Corrente de V. F. se aliam para melhor definir o escritor, o cidadão, as angústias do envelhecimento tão nítidas nas interrogações do ser humano de si a si mesmo que a prosa diarística incessantemente regista e onde a polémica com frequência reclama o lugar de um resto de memória feito de palavras e atitudes pouco cordiais, fermento de uma dinâmica e irreverente experiência de vida que foi a de Vergílio Ferreira, enquanto testemunha e personagem do seu tempo através de uma obra literária na qual solidariedade, conflito, cidadania e amor à vida são as principais linhas de orientação.

Nota final: Quanto a *Vagão J*, que li pela primeira vez, não me custa repetir que os vestígios do talento já estavam todos lá, a estrutura romanesca, a espontaneidade dos diálogos, a dureza da vida rural, os derriços de aldeia, os negócios de baixo coturno, as linguagens moldadas pela tutela religiosa, não havendo nenhum abismo de qualidade relativamente ao que então era feito por Namora e Carlos de Oliveira, por exemplo. A figura do professor será axial em toda a obra de ficção de Vergílio Ferreira. Julgo ter lido em qualquer parte que ele não gostava muito de ser tratado por *escritor*.





Cláudio Lima
poeta

Canto o Amor em poesia

Manuela Morais vem dando, com certa regularidade, expressão lírica a vivências e memórias afins que a têm marcado indelevelmente no seu percurso existencial. Com efeito, o impulso que leva a Autora a uma recorrente evocação/invocação assenta num passado de mulher amada/amante, que os ventos funestos do destino cruelmente interromperam. A computação desse balanço de infortúnio fá-lo no *Prelúdio* com que nos apresenta esta obra, a décima na sequência editorial e a quarta em que a palavra *amor* consta do próprio título. Transcrevo:

«O livro “Canto o Amor” reúne quarenta e quatro poemas de amor, ou de dor, que preenchem os dias e as dolorosas noites de quem procura algum consolo nas palavras escritas na solidão do desespero e da tortura. Nesse estádio particular e inconfundível podemos sentir a sensibilidade e a vertente lírica / poética de uma forma mais aguçada, – e em sintonia com os ritmos da natureza selvagem.» (pg. 9)

Assim é, de facto. Manuela Morais recorre à poesia como meio de refrigério e catarse, antídoto contra o sentimento de perda e ao sofrimento a ele associado. Nenhum melhor veículo ou expressão para nomear o inominável dos estados de alma.

Ela o diz exemplarmente, alguns parágrafos adiante:

«Quando “perdemos” as pessoas que amamos é como se ficássemos privados da nossa Alma. Depois enveredamos por um longo e doloroso processo de cicatrização. É um caminho tortuoso que percorremos com dor, canseira, completamente esvaziados do que nos faz sorrir, cantar, viver...» (pg. 10)

Compõe-se o livrinho de dois capítulos: **As Raízes** e **Os Afectos**. Como se depreende, trata o primeiro, ainda que sumariamente, da ficha pessoal e familiar da Autora, dos lugares e respetivas paisagens que lhe moldaram o caráter, a percepção do belo, a paixão pela natureza. Fala da terra natal (Murça), Trás-os-Montes, o “seu” Marão, o “seu” (e torguiano) Douro Maravilhoso com seus vinhedos trepando as íngremes encostas, dos Castanheiros iluminados, dos Olivais e Amendoais, das Cerejeiras e das Magnólias da sua rua. Também das festas litúrgicas (Domingo de Ramos), dos folguedos associados aos santos populares: Santo António e S. João. Tempos de menina e moça, em que demorava o olhar, serena e extasiada, sobre o maravilhoso mundo envolvente.

Já o segundo capítulo, debruçan-

do-se sobre os afetos, a memória de quem com ela os partilhou, é atravessado por uma minaz nostalgia, uma inconsolável saudade, «doce amargo de infelizes» como a definiu Garrett no poema *Camões*. Sendo o conjunto mais extenso, subdividiu-o a Autora em dois momentos ao mesmo tempo magníficos e desoladores da sua vida amorosa: a memória do Fernão e a memória do Espiga, os dois grandes e únicos amores da sua vida, ambos, em tempos e circunstâncias diferentes, a deixando em inconsolável viuvez. «No teu rosto / apanho as flores que semeiei, / com beijos que te dei / no caminho transparente, / relâmpago, / promessas guardadas, / coroadas, fixadas / nas almofadas da nossa cama perfumada...» (pg. 53). «Tomar a direcção / do teu rosto / é a ardente esperança / da minha salvação...» (pg. 58) – dois pequenos excertos de poemas dedicados ao Fernão. E de igual modo passo a proceder relativamente ao Espiga: «Não sabia ser possível / voltar a amar, / sentir intensidade num novo amor, / entregar / sem reservas o meu coração...» (pg. 63). «Não desejo / conhecer outro olhar, / saborear outra boca, / beijar com paixão, / incendiar outro corpo, / entregar sem reservas / o meu coração!» (pg. 72)

Ressalta desta e de outras obras suas, que Manuela Morais é uma mulher que aspira à mais intensa osmose do ato amoroso, da partilha dos afetos mas também dos prazeres, «do ardor do desejo que o tempo apaga» (pg.11). Apaga porque é finito por natureza, sujeito à erosão que o tempo exerce sobre nós, inexoravelmente. Mas é então que o amor se sublima, por via da dor e do sofrimento, elevando-se a níveis de comunhão espiritual, de dádiva recíproca liberta já das pulsões eróticas obsessivas e exacerbadas. Uma espécie de regresso, por ascese, ao estado de pura inocência... Muito bela a ilustração da capa, do grande e saudoso Espiga Pinto.

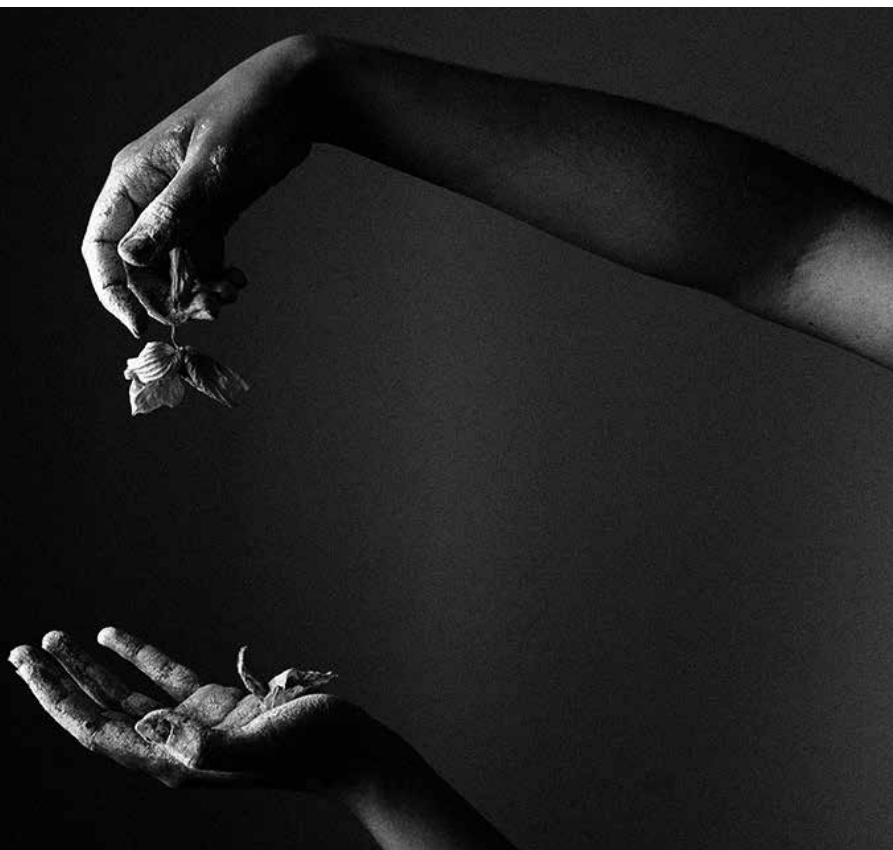


FOTO: DR





Adelto Gonçalves
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

A literatura de Moçambique vista do outro

I. Escritores moçambicanos na fase inicial da literatura de seu país sempre se declararam inspirados por autores brasileiros. Foi o caso de José Craveirinha (1922-2003), filho de pai português e mãe africana, que se dizia leitor atento de Manuel Bandeira (1886-1968), Mário de Andrade (1893-1945), Graciliano Ramos (1892-1953), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Jorge Amado (1912-2001), Rachel de Queiroz (1910-2003), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e outros. Sem contar que tivera em Leônidas da Silva (1913-2004), o *Diamante Negro*, centroavante da seleção brasileira de 1938 e inventor do lance chamado de “gol de bicicleta”, um ídolo de sua juventude, admiração que compartilhava com muitos de sua geração.

Tantos anos depois, faz-se agora o percurso inverso com estudiosos brasileiros, alguns em atividade em universidades fora do Brasil, escrevendo sobre a produção de escritores moçambicanos mais recentes. É o que se vê em *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana* (Maputo: Marimbique Conteúdos e Publicações, 2012), organizado pelas professoras Rita Chaves e Tania Macêdo, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com prefácio do professor Lourenço do Rosário, o *scholar* moçambicano com maior trânsito nas universidades de Portugal e do Brasil.

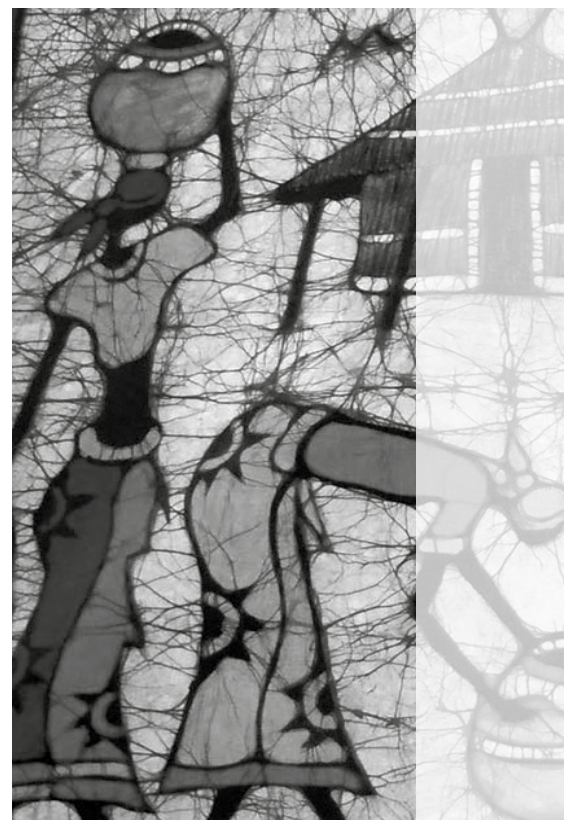
Para realizar essa obra, as organizadoras convidaram 20 especialistas em Literatura Africana de Expressão Portuguesa, inclusive este articulista, para que escrevessem ensaios sobre a produção de autores moçambicanos contemporâneos. O livro inclui ainda o ensaio “A literatura moçambicana e os leitores brasileiros”, das organizadoras, responsáveis também pela introdução. Para as professoras, a exemplo de *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*, lançado em 2007, este volume “corresponde a mais uma ação para tornar cada vez mais vivos os laços que nos prendem”.

II. Como não podia deixar de ser, Mia Couto, o escritor moçambicano com maior visibilidade da mídia do mundo lusófono, alcança espaço destacado na análise dos especialistas. De sua obra ocupam-se Anita Martins Rodrigues de Moraes, doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Maria Nazareth Soares Fonseca, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG), e Patrícia Schor, que faz doutoramento em Humanidades na Utrecht University, da Holanda.

Já a narrativa feminina, especialmente a de Paulina Chiziane, é objeto de atenção de Laura Padilha, doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora emérita da UFF, Débora Leite David, que faz pós-doutorado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa na USP, e deste articulista.

Em “Literatura e política: José Craveirinha e as inclinações prospectivas de uma poética popular”, o professor Benjamin Abdala Junior, doutor em Letras pela USP e professor titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da mesma instituição, aproxima a poesia do poeta moçambicano do fazer poético do angolano António Jacinto (1924-1991) e do brasileiro Solano Trindade (1908-1974), observando que o horizonte de expectativa de Craveirinha “enlaça os poetas da geração de 50 em Angola e os poetas brasileiros articulados politicamente e que viriam a promover os Centros Populares de Cultura”.

No contexto socialmente reivindicativo, e ainda anticolonial e antifascista das literaturas africanas de Língua Portuguesa dos anos 1950-1960-1970, diz Abdala, esse horizonte estético-ideológico promovia um olhar para outros poetas, de outros sistemas lingüísticos, como o cubano Nicolás Guillén (1902-1989), que seria colocado como poeta-símbolo na antologia do angolano Mario de Andrade (1928-1990) e do



são-tomense Francisco José Tenreiro (1921-1963), “onde a condição negra se associava à proletária – um humanismo em que as diferenças étnicas se abriam à solidariedade social”.

Em “A voz, o canto, o sonho e o corpo: reflexões sobre a poesia feminina em Moçambique”, Carmen Lucia Tindó Secco, doutora em Letras pela UFRJ e docente que criou a disciplina de Literaturas Africanas na mesma instituição, diz que, ao contrário do que ocorreu em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, em Moçambique o silêncio em torno de textos de autoria feminina se manteve por mais de uma década depois da independência não só na poesia como nos demais gêneros.

Com exceção de Glória de Sant’Anna, que teve condições próprias de editar vários livros antes da independência, poucas mulheres tiveram seus textos publicados no período colonial. Mesmo a conhecida Noémia de Sousa, acrescenta, só teve a sua obra reunida em livro, em 2001, por empreendimento do poeta Nelson Saúte, atual editor

lado do Atlântico

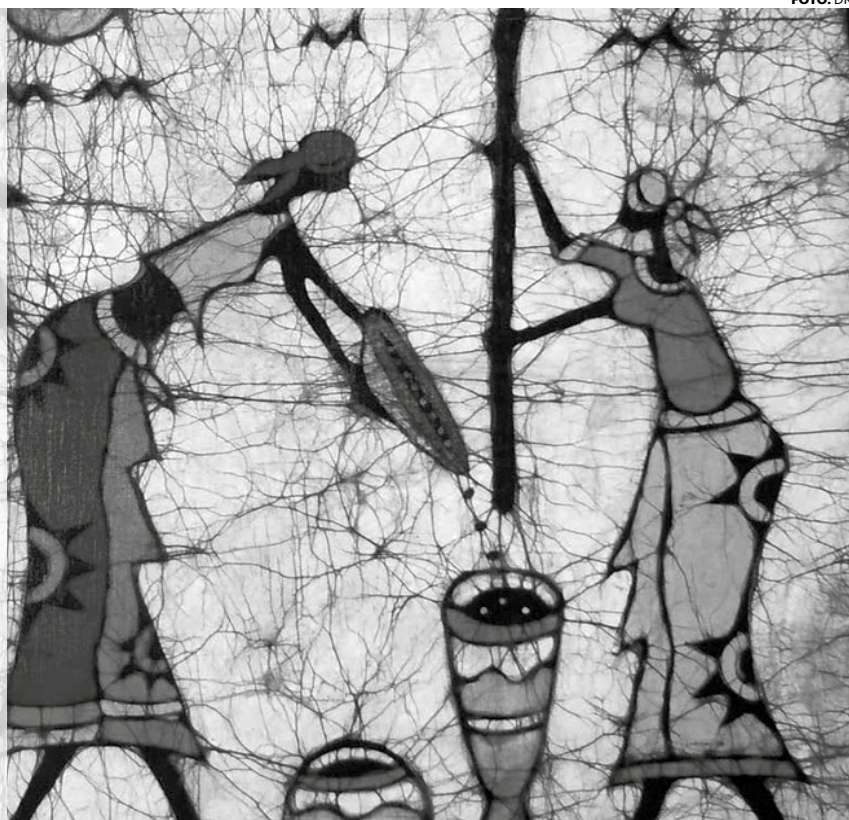


FOTO: DR

da Marimbiq, que publicou o livro que se resenha aqui. Hoje, já não são poucas as poetisas moçambicanas: Ana Mafalda Leite, Tânia Tomé, Sónia Sultuane são alguns nomes que têm sua produção analisada por Carmen Lucia neste ensaio.

III. Em “José Francisco Albasini e a saúde do *corpus* moçambicano”, César Braga-Pinto, doutor em Literatura Comparada pela University of California, Berkeley, e professor da Northwestern University, em Illinois, recupera a trajetória literária e jornalística de José Francisco Albasini, o *Bandana* (1877-1935), irmão de João Albasini. Ambos fundaram o primeiro jornal escrito e dirigido por uma elite de intelectuais negros e mulatos em Moçambique, *O Africano* (1908-1918), que seria sucedido por *O Brado Africano* (1918-1974).

Lidos numa perspectiva pós-independência e, portanto, anacrônica, os Albasini são vistos hoje com certo distanciamento. Descendente de um italiano e neto de português e de uma neta do

régulo do clã Mpumo, de Maxaquene, *Bandana*, ao seu tempo, defendeu a “causa indígena”, lançando uma campanha pela educação em português que tinha por base a luta pelo direito à cidadania plena, no caso a cidadania portuguesa, à época do salazarismo. Como diz Braga-Pinto, essa é ainda uma questão que permanece em debate e longe de um consenso, ou seja, “a situação do sujeito assimilado em relação não somente ao sujeito “indígena”, mas também ao passado pré-colonial e à tradição africana”.

Um dos textos mais interessantes desta coletânea é “Os lugares do indiano na literatura moçambicana”, de Nazir Ahmed Can, doutor em Letras pela Universidade Autônoma de Barcelona e professor-colaborador do Instituto Camões de Barcelona, que registra um “silêncio” a respeito da participação indiana nos estudos literários sobre Moçambique dos dias atuais. É de lembrar que a comunidade indiana se fixou no país em meados do século XVII ou ainda em época anterior à chegada dos portugueses e, hoje, “re-

presenta uma parte significativa da população moçambicana (inclusive da elite política e intelectual)”.

Can cita Francisco Noa para quem “a figura do indiano aparece-nos marcada pelo ressentimento, pelo preconceito e por um indisfarçável sentimento de intolerância”. Para Can, “a prosa do período pós-independência sente-se ainda numa posição desconfortável para representar estas comunidades de forma pormenorizada para lhes fornecer protagonismo ou voz”.

Conhecidos de maneira depreciativa por monhés, baneanes e canarins, os indianos sempre foram vistos de maneira preconceituosa – de início, porque representariam um obstáculo à hegemonia portuguesa na região e, depois, porque desenvolviam, na maioria, atividades ligadas ao ilícito, como contrabando e a sonegação fiscal, e eram adeptos do islamismo e, portanto, adversários das práticas cristãs.

Depois de apontar a presença de protagonistas indianos (monhés), referidos de forma negativa por personagens em autores como Nelson Saúte, Lília Mompilé e Suleiman Cassamo e positiva ou neutra em Mia Couto, João Paulo Borges Coelho e Paulina Chiziane, o ensaísta assinala a ausência de uma auto-representação da travessia indiana na prosa moçambicana, questionando quais seriam os motivos pelos quais isso não foi possível até agora.

NOTA

O livro traz ainda ensaios dos professores José Nicolau Gregorin Filho, Érica Antunes Pereira, Maria Anória de Jesus Oliveira, Marinei Almeida, Maurício Sales Vasconcelos, Prisca Agustoni de Almeida Pereira, Rosania da Silva, Simone Caputo Gomes, Sueli Saraiva e Teresinha Taborda Moreira.

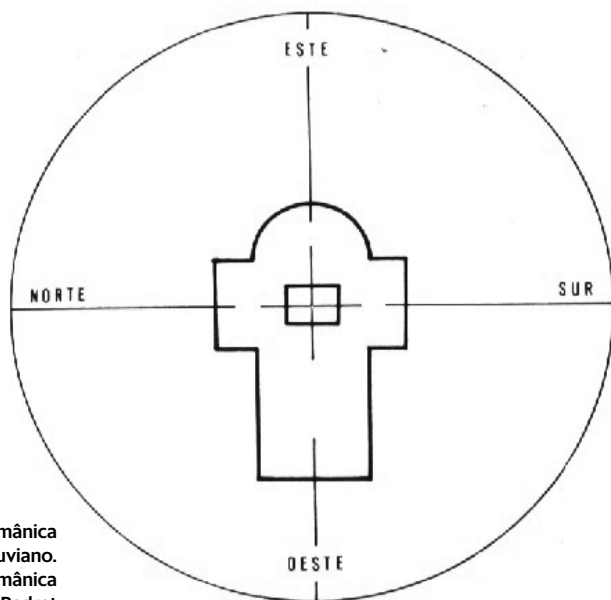
NOTA

PASSAGENS PARA O ÍNDICO: ENCONTROS BRASILEIROS COM A LITERATURA MOÇAMBICANA, organização de Rita Chaves e Tania Macêdo. 1.ª ed. Maputo: Marimbiq – Conteúdos e Publicações. 327 págs., 2012.



Jacobeu e Cultura Portuguesa

- OS QUADROS HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ECONÓMICO. O HOMEM E SUAS ESTRUTURAS SOCIO-MENTAIS - 24



Versão românica do homem vitruviano. Igreja pré-românica de S. Quirce de Pedret



ARQUÉTIPOS PARA UMA ICONOGRAFIA SANTIAGUISTA

CIVITAS DEI

(Entre símbolos - a orientação - a ordem)

A arquitetura cósmica concebe-se como um produto da ação.

O relato... o contar... feito na oralidade, ou através de outro suporte parece “ciência” matriz em jeito semelhante ao do comportamento dos genes, já que estes se reproduzem sempre copiando coisa outra.

A Lenda diz que diz que não diz mas diz. Diz porque combina factos reais, fictícios e históricos... degenera e enaltece o mito... pouco se sabe do que se encontra nos tempos que seja mais histórico e real do que a imaginação da aventura humana, por isso não necessita esta de ser verdade absoluta para ser histórica. A leitura da conhecida “cena náutica”, simbólica e mítica da Barca de Santiago, que narra a travessia daquela embarcação fantástica pelo Mediterrâneo e pela fachada atlântica, até às portas do porto de Iria Flávia, pode ser o

prelúdio de um retrato (entre tantos) iconográfico jacobite não anunciado, da crónica do românico (ainda) não adivinhado. Algo de trágico lhes aconteceu, parecido com o que consta no episódio dos argonautas sobre o gigante da mitologia clássica. Polifemo ferido e cego para sempre, tivera pior sorte; pensáramos, sobre os navegantes da barca. Enquanto a chuva diluviana alagava e a noite espessa lançava tudo em escuridão total. Nós que andámos neste estudo há décadas, imagináramos tantas vezes uma longa-metragem tão logo ante a frágil embarcação. Do ponto de vista simbólico (porque é assim que deve ser feita a leitura da iconografia e da arquitetura medieval), a Barca de Pedra (“ad aeternum” ainda... descrita sobre outros oceanos, transformada em navios¹) anda a marear, trazendo o corpo do Apóstolo e dos seus dois discípulos, Atanásio e Teodoro. Vêmo-la por terras inóspitas, transformada em embarcações fantásticas, faz parte dos portulanos. Enfim. Literatura oral e literatura odepórica². Tal demanda desses primeiros peregrinos jacobites,

provavelmente foi, não somente um símbolo do cristianismo santiaguista como, no tempo, terá sido no plano histórico uma reação tardia à política do domínio dos Lígidas ptmoleus sobre a Judeia, que provocara grandes migrações também aquém Mediterrâneo, conflitos que se vinham acentuando desde antes do Império de Alexandre e se estenderam por este até ao início do período Helenístico, cerca de 300/200, devido ao então crescente intervencionismo de Roma, ao qual os macabeus sucumbiram no ano de 37 a.C.

A propósito de demandas marítimas na nossa costa, entre outras, Mário Cardoso tem um interessante trabalho que fala sobre o documento mais antigo (na década de 70 do século passado) até hoje descoberto, confirmando as relações peninsulares marítimas estabelecidas por navegadores exóticos que aportavam às praias mediterrânicas e atlânticas da Hispânia. O citado documento é uma inscrição cuneiforme assíria, dos começos do terceiro milénio a.C., de cuja decifração e interpre-

tação por especialistas resulta nos seguintes textos: “Anaku, Kaptara, os países de Além do Mar superior (do Mediterrâneo), Dilmun, Magan, os países de além do Mar inferior (ou seja, o Golfo Pérsico) e os países os quais nasce e morre o Sol, conquistados três vezes por Sargón, rei do mundo”. Na opinião do mesmo autor, a palavra assíria Anaku, de acordo com os filólogos e epigrafistas especializados no mundo das inscrições cuneiformes, designava originariamente o chumbo; mais tarde, porém, esta designação tornou-se extensiva ao estanho, minério que os povos do Próximo Oriente vinham buscar à Hispânia e que provinha das Ilhas Oestrímnides ou Cassitérides³ (estudos arqueológicos recentes sobre este topónimo apontam para a possibilidade destas ilhas se terem localizado nas costas galegas), pelo qual a Península passou a ser conhecida com a designação de “Terra do estanho”. Isto levou os pré-historiadores à conclusão de que aquela palavra Anaku da inscrição assíria queria dizer que se relaciona com a Hispânia, país situado no extremo ocidental do mundo.

Mais adiante faz referência a Tartessos e ao seu comércio com o Próximo Oriente, no qual nos fala do célebre poema “Ora Marítima”, de Avieno, que apesar de composto no século IV da nossa era, se considerava inspirado e documentado num antiquíssimo roteiro marítimo, redigido por um nauta grego, massaliota⁴, talvez pelo ano 520 a.C. O mesmo documento refere também que a região de Tartessos banhada pelo Guadalquivir, isto é, a antiga Baetica dos Romanos, correspondente à actual Andaluzia. Isidoro de Sevilha⁵ refere em Etimologias que “os primeiros que fizeram os caminhos foram os cartagineses, mais tarde, os romanos os estenderam, por todo o mundo ocidental, com o fim de se expandirem e de com todos comunicarem.”

Relativamente às figuras que mostramos no início do texto elas representam digamos que um “padrão” do que nos foi possível exemplificar do ponto de vista logístico, dada a dimensão no plano. São arquétipos do universo simbólico e fazem parte de uma ciência que tomamos a liberdade de nomear “simbolismo integral”, para o caso da arquitetura e construções medievais. Como se observa em síntese, normalmente, são riscos inscritos em circunferências e em outros polígonos regulares (sendo que o quadrado e o pentágono foram os mais importantes num cortejo de incursões geométricas desde a Antiguidade, que a Idade Média aprofundou e o Renascimento glosou). Para além de inscreverem pontos cardeais e firmamentos, são de grande utilidade e pragmatismo, “chave mestra” das engenharias cristãs, românicas no plano e no espaço, acabaram por determinar os comportamentos sociais de então sempre acoplados num mosaico sensorial de simbolismos. Esta arquitetura não se ficou apenas pela Igreja, penetrou a sociedade laica e ali formou cânones transversais e visíveis em muitas construções civis, até aos dias de hoje.

Como se sabe e depreende desde o início deste escrito e dos textos anteriores que precedem a temática em discussão, a arquitetura cósmica e eclesiástica está profundamente enraizada no românico: a Terra, diz a Bíblia, carecia de forma e estava vazia. Os primitivos filósofos gregos diziam que a matéria primordial era ilimitada e comparavam-na com os elementos móveis e flexíveis, como a água e o ar, que parecem animados por uma vida informe. A palavra caos, ao tempo, significava vazio, ausência de ordem, vazio de sofrimento. Vazio, de dilacerar, de rasgar, de esventrar. Ausência de criação. Por isso alguns destes modelos das cosmogonias ancestrais,

trazem para o debate a questão da polaridade biológica dos sexos. Por outro lado, quando aquelas filosofias assentam em pressupostos que não dividem as entidades criador e criação, verifica-se a dualidade sexual como modelo natural nas representações da arte. Exemplos que, desde o século passado, vieram enriquecer o debate e estudo dando origem a novas interpretações na iconografia/iconologia. Nesta linha de raciocínio temos como exemplo a antiquíssima figura do triângulo (aparentemente equilátero) que representa o sexo feminino.

Na época românica, tal como os desenhos acima indicam, os cristãos orientaram os seus templos para oriente; era a tentativa de conciliar a aproximação ao Paraíso, lugar da graça especial e do pecado original, para Este; é que a Oriente do mundo greco-romano e medieval estava a Terra Santa ou Palestina, onde teve lugar o nascimento, a vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo, assim como a vinda do Espírito Santo; e pela mesma trilha a segunda vinda de Cristo o dia do Juízo Final, de acordo com o texto evangélico: “Porque como o relâmpago sai do oriente e brilha até ao ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem”⁶, S. Marcos, Evangelho 24,27⁷.

Continua

¹CARDOSO, Mario – “Os Caminhos do Mar e da Terra, fautores primordiais da Civilização Ibérica”, Barcelona, 1978, pp. 1/17.

²Relatos de viagem santiaguistas.

³ALBUQUERQUE, Pedro; FERRER-ALBELDA, “Restituta Vetere Locorum”: As localizações e as apropriações das Cassitérides numa perspetiva historiográfica, 2019 Repositório da Universidade de Lisboa, 2019.

⁴Périplo Massaliota, era um manual para os comerciantes, do sé. VI/V a C., no qual eram descritas as rotas marítimas.

⁵SEVILHA, San Isidoro de – “Etimologias II”, B.A.C., Barcelona, 1960, p. 259.

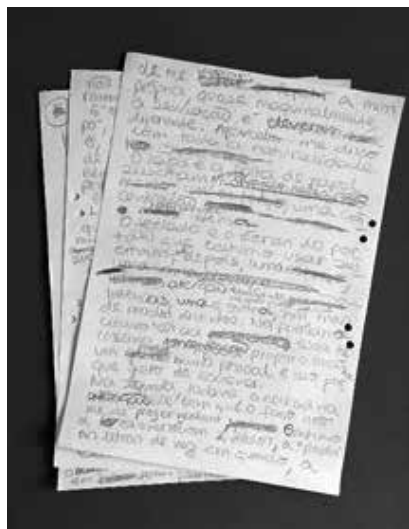
⁶López, S. Sebastián, Iconografía Medieval, Etor, Bilbao, 1988, p. 137.

⁷Ibidem.



Isabel Pereira Leite
bibliotecária

Papel e Lápis



Ainda hoje prefiro escrever a lápis, em folhas que possa voltar a usar, ou que já tenham sido utilizadas. Só depois de me parecer que o texto está como deve ser – e nisto sou totalmente subjectiva, porque apenas me valho da minha opinião – é que passo à fase seguinte e pego no meu portátil. São dois momentos diferentes vividos pela mesma pessoa, que escreve o que sente e pensa, uma e outra vez. Que se repete. No entanto, e apesar de voltar ao mesmo encadeamento, que não altero praticamente nunca, de copiar, literalmente, o que escrevi, de me repetir a mim própria quase maquinalmente, o que sinto é de veras diferente. Apercebo-me disso com toda a naturalidade.

O lápis e a folha de papel suscitam em mim, quando neles pego, uma concentração relativamente intensa. O teclado e o écran do portátil que costumo usar suscitam-me, depois, uma atenção também ela, de certo modo, intensa.

Intensas, uma e outra, sim, mas de modos bem distintos. Na primeira circunstância, essa necessária concentração proporciona-me um prazer muito pessoal, e isso porque gosto de escrever.

Na segunda, todavia, a necessária atenção que dedico ao que faço não me dá prazer nenhum. Continuo a escrever só com dois dedos, a “perder” as letras de vez em quando, a não lidar bem com tanta ferramenta inteligente.

É estranho, porque um texto limpo, legível e bem apresentado é, com certeza, o objectivo final de quem escreve para ser lido, nem que seja só por duas ou três pessoas. E este é, na verdade, o objectivo que tenho em mente, quando me disponho a fazer um texto. Ora, se não foi exclusivamente para mim mesma que escrevi, por que é que ver o texto na sua versão mais aprimorada não causa, em mim, impacto algum?

Será que a posição ambígua de passar a leitora de mim mesma, sendo certo que leio o que anteriormente escrevi, para poder processar o texto, constitui, afinal, apenas algo que deliberadamente me imponho para atingir o fim pretendido? Então, onde está a coerência de todo este processo, se é certo que não escrevo só para mim?

Hoje em dia, praticamente toda a gente escreve os seus textos directamente no computador; logo, estas minhas interrogações dificilmente poderão ser compreendidas. O mais provável é que se entenda que não passam de bizzarrias de quem, escrevendo a lápis em folhas de papel avulsas para, a seguir, voltar a escrever tudo num teclado, só está a perder tempo. Pode ser que esse seja o entendimento geral, mas não o é, nem nunca o foi, para mim.

O apara-lápis é uma ferramenta imprescindível de que me sirvo muitíssimo. Afiar um lápis (eu prefiro dizer aparar) é algo que praticamente já só vejo fazer às crianças. Pensando bem, talvez inconscientemente isso se tenha tornado importante para mim, até porque guardo grandes memórias do tempo dos lápis de cor.

A lâminazinha do apara-lápis é milagrosa. A mina gasta e rombuda volta à sua elegância primitiva de “stiletto”, várias vezes no espaço de uma existência. E essa revitalização é-lhe proporcionada por quem dela necessita. É uma ligação curiosa, tal como curioso é o facto de, olhando as folhas manuscritas, me aperceber de que, se calhar, a massacrei demasiadas vezes ao riscar, sei lá se escusadamente, o que

tinha acabado de escrever. Bastava-me ter pensado mais devagar...

Acho que é aquele cunho de individualidade que se perde, quando, vendo o nosso texto pronto a ser enviado para publicação, percebemos que não existe, na forma, diferença palpável face a todos os incontáveis textos que, exactamente na mesma altura, estão prestes a seguir o mesmo curso.

É que um texto manuscrito é uma parcela única do ser de cada um. Irrepetível na sua originalidade, mesmo que o destino dessas tão acarinhadas folhas seja o cesto de papéis. De facto, é isto que acontece às ditas folhas, quando, finalmente, o texto se encontra no seu suporte final, pronto a ser enviado. Rapidamente me desfaço delas. Por isso é que as interrogações que levanto chegam, até, a parecer-me escusadas e inconsequentes...

Antigamente fazíamos rascunhos, passávamos a limpo e tínhamos notas pela caligrafia que, na altura em que aprendêramos a escrever, tínhamos treinado, em cadernos especiais de duas linhas. Lendo o que tínhamos escrito, identificávamo-nos uns aos outros. Havia letras semelhantes, mas nunca iguais. Cada um tinha a sua.

Não vou ceder à saudade do tempo em que só de olhar de relance um simples bilhete escrito à mão, sabia logo de quem era. Posso é imaginar uma saudade futura, por estar perfeitamente convencida de que chegará o dia em que encontrar um bom apara-lápis será uma autêntica façanha. O pensamento circula hoje como se não houvesse amanhã. A prodigiosa tecnologia que o permite transforma o mundo de tal maneira, que nem palavras encontro para nomear o que acontece.

Este é o mundo em que vivo, em espanto constante com o tanto que me proporciona. Mas nem por isso deixa de continuar a ser o mundo em que prefiro escrever a lápis, em folhas de papel reciclado. Por mim, podem perfeitamente coexistir, sem prejuízo para quem persista nas suas opções.



Maria Virgínia Monteiro
poetisa

Apontamento 48

- LÁ... NO "ANTES" - NO "DANTES" -

Da casa onde nasci, eu não me lembro por mais que esforce a memória. Sei, apenas, que nas conversas familiares ela era – “a casa ao pé da fábrica”...

Em compensação, a outra, aquela onde passei os dias mais felizes da minha vida, tenho-a sempre diante dos olhos! Vejo-a – grande, maciça e talvez desgraciosa, na sua pesada estrutura, mas terna e acolhedora, tal como uma velha e querida amiga! Espreito por entre as grades do jardim, para contemplar os canteiros bem tratados e cheios de flores, as ruazinhas cimentadas, a eira, (o sítio preferido dos nossos brinquedos), onde um senhorio rústico, com licença dos inquilinos, vinha todos os anos fazer, ao Sol, o estendal do milho loiro e a tradicional esfolhada das gentes do Norte.

Vejo ainda a escadinha, que, saindo em caracol de uma das frontarias, desembocava mesmo em frente das capoeiras (inúmeras e bem guarnecidas das mais variadas raças) e do pequeno e bem tratado e succulento morangal, objectos dos desvelados cuidados da minha Avó!... Para o lado das traseiras, estendia-se o quintalório; e tudo o que o reino vegetal produz estava ali representado, em talhões miniaturais, e tratado com requintes de desvelo. O tanque da lavagem da roupa, grande como uma cisterna, onde uma vez nós organizámos uma empolgante caçada... que acabou com a prisão do inimigo – uma víbora!... (A minha Mãe era nestas coisas destemida e resoluta!...). Laçada a víbora pelo meio do corpo... e metida depois num frasco... para mostrar às visitas!...

A bomba (para bombear a água no tanque de lavar a roupa!...) era também objecto de grande relevo, nas nossas brincadeiras; servia de baloiço, e nela se realizavam vertiginosos exercícios de acrobacia, que não sei por que acaso não redundaram em tragédia!...

Era um mundo maravilhoso, cheio de encantos e seduções novas, a que sempre ficariam estranhas as crianças da cidade, e que nos enchiam os dias de interesse e de paixão. As ninhadas dos pintos, que, das profundidades da loja (cave), saíam de dentro dos cestos, conservados em “segredo” por dias e dias, tomavam, aos nossos olhos, os aspectos de um milagre. Os coelhos, pequenos e penugentos como ratinhos, os patos, tão desgraciosos e pesados ao nascer, os cãesinhos, de que a nossa cadela (a Pom-

pom – uma Lulu, branca delicada), nos fez o presente – o mais encantador presente que tivéramos até então, e que nos trouxe como alucinadas de alegria, por dias e dias! Eram três, tão engraçados e vivos – um deles preto e branco, o outro amarelo e castanho, e o terceiro todo amarelo. Estou a vê-los ainda, e a ver-nos a todas nós correndo em segredo para a garagem, ao fundo do quintal, para onde os tinham exilado, decorridas as primeiras semanas de vida. Que de precauções tomadas, para iludir a vigilância e correr ao encontro dos bichinhos!... E, como se alegravam eles ao ver-nos, e como latiam, pedindo o regresso à antiga liberdade, da qual os haviam privado!...

Por cima da garagem era a casa pequena, onde a Avó, vivendo embora connosco guardava as suas coisas, e tinha sempre arranjada e arrumada, tal como se nela estivesse a morar. Aquela casa exercia, sobre nós (sobre mim, pelo menos...), uma estranha e misteriosa atracção, que, mesmo agora, possuidora que sou de uma maior capacidade para definir as coisas e os sentimentos, não consigo classificar. Talvez porque está fechada a maior parte das vezes, e nela só podemos entrar com a licença e na presença da Avó; e mesmo assim sem tocar em nada, e sem a satisfazer, àquela curiosidade que me incitava a abrir gavetas, devassar escaninhos, e interrogar as coisas quietas e incompreensíveis, avaras dos segredos para mim negados. Por exemplo: os móveis da cozinha e o próprio fogão (fora de uso), porque estariam eles cheios de embrulhinhos?... Sei agora que alguns deles eram ervas medicinais, de que a minha Avó fazia provisão e com as quais tratava os achaques que a afligiam a miúdo. A maior parte, porém, resumia-se a sementes, bolbos e plantas, arrecadados de um ano para o outro, objectos de desvelados cuidados da minha Avó, que tinha no jardim a sua enorme paixão e a ocupação para a maior parte dos seus dias. Só há pouco tempo, raciocinando, o descobri.

A garagem, situada por debaixo da casa pequena, e para atingir a qual desciam dois grandes lances de escadas de pedra, tinha a entrada para automóveis numa outra rua, situada num plano inferior, e, pela qual, só me lembro de ter passado uma vez na minha vida!... De tal maneira

o nosso tempo decorria, entre os quatro muros que circundavam a pequena propriedade!... A casinha, que do lado do nosso quintal era térrea, tomava, do lado da rua, um aspecto mais imponente, com o seu largo portão, e um grande azulejo, representando a Virgem Maria, alumiada por uma lanterninha de vidro.

Esses lances de escada, foram eles o teatro das mais variadas aventuras de “cowboys”, de “capa e espada”, e outras histórias maravilhosas que nós representávamos ao vivo, entusiasmadas pelo cinema, que víamos de vez em quando, aos domingos.

No Verão, de cadeirinhas de verga às costas, lá íamos até ao fundo do quintal e instalávamos o nosso café ambulante à sombra da ramada e encostado à casa da Avó. Nesse café, servia-se de tudo – desde o dito (água com terra!), chá (água com relva!...) e leite (água com cal, que roubávamos, às furtadelas...), e até cerveja (em que o sabão era preponderante)!

A caça das minhocas (que, nos dias de lavagem da roupa, esvaziado o tanque, cuja água inundava um rego fundo talhado para esse fim, surgiam às dezenas, coleando na lama) – era outro dos entretenimentos favoritos. Chegámos a juntar uma grande caixa cheia, com a qual atemorizávamos uma desgraçada costureira – habitual lá em casa em certo dia da semana – que toda se torcia de nojo e pavor!...

O porco era um outro espectáculo, que apreciávamos, encarrapitadas na parede do aido, vendo-o refocilar e grunhir depois de satisfeito. Essa satisfação, não a sentíamos, porém, quando a porta lhe era aberta e nós, afectando a princípio a maior calma e desprendimento, acabávamos por perder a compostura... e corríamos a bom correr, sentindo-o atrás de nós, satisfeito, ébrio da liberdade, e alheio aos maus propósitos... que nós lhe atribuíamos, gritando de medo!...

A paciente caça a uma doninha, que devastava o quintal e as capoeiras; as ratoeiras, armadas para capturar os engraçados ratinhos (que pena que eles me faziam!...), um ninho, caído do beiral, com quatro passarinhos implumes... quantos acontecimentos inesquecíveis e maravilhosos, quantos quadros indelévels, gravados na parede das recordações!...

Como eles se esfumam, pela distância!...



A. Campos Matos
arquitecto e queirosianista

Uma biblioteca ideal

*Um dos maiores males de Portugal e digamos,
o maior, é a ignorância.*

A completa, a perfeita, a absoluta ignorância.

Eça de Queiroz, «Da colaboração
no Distrito de Évora», (1867)

Em livrinho assim intitulado de 2005, Herman Hesse considera que uma tal biblioteca deveria conter entre outros títulos: as *Mil e Um Noites*; dois ou três volumes de Plutarco; *O Asno de Ouro* de Apuleio; a autobiografia de Benevenuto Cellini; *Gargantua e Pantagruel* de Rabelais; as *Flores do Mal* de Baudelaire; os *Essais* de Montaigne; *Le Père Goriot*, *Eugénie Grandet*, *La Peau de Chagrin*, *La Femme de Trente Ans de Balsac*; *Madame Bovary* e *Éducation Sentimental* de Flaubert; *Tristram Shandy* e *Le Voyage Sentimental* de Sterne; *Foire des Vanités* et *Livre des Snobs* de Thackeray; *Dorian Gray* de Oscar Wilde; *Don Quixote* de Cervantes; *La Chartreuse de Parme* e *Le Rouge et le Noir* de Stendhal; *Les Âmes Mortes* de Gogol; *Père et Fils* de Tourguenev.

Quanto a mim acrescentaria: *Estes Dias Tumultuosos* de Pierre van Paassen; *O Mundo de Ontem* e *Fouché* de Stefan Zweig; *Ma Vie* de Trotsky; *Estaline* de Isac Deutsher; *A morte de Ivan Ilitch*; *Escolhi a Liberdade* de Vitor Kravechenco; *The Rise and Fall of The Third Reich* de William L. Shirer; *Krushchev Remembers*; *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queiroz; *Para Sempre* e *Conta-Corrente* de Vergílio Ferreira; *Journal* de André Gide; *Les Thibault*, *Le Drame de Jean Barois*, de Martin du Gard; *Diário* de Miguel Torga; *Uma Longa Viagem com Vasco Pulido Valente*.

Pode uma educação mais avançada ter consequências positivas no desenvolvimento social e emocional dos alunos?

Os alunos com conhecimentos e capacidades mais avançadas do que as dos colegas da mesma idade podem ter benefícios intelectuais se forem postos em turmas mais avançadas ou em programas de ensino mais exigentes e rápidos para a sua idade. No entanto, muitos professores e encarregados de educação consideram a prática potencialmente perigosa para o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Um estudo recente mostra que não parece haver razão para preocupações: os alunos com uma educação mais avançada não reportam mais problemas socioemocionais ou menos bem-estar psicológico ao longo da vida do que os alunos com uma educação regular de acordo com a sua idade.

Apesar de a educação acelerada ser recomendada por vários grupos de especialistas e considerada das melhores práticas pelo Painel Consultivo Americano de Ma-

crónica(s) as artes entre as letras 10 NOV'21



Lurdes Neves
PHD, docente universitária UP

Desafios da Escola

temática (2008), alguns professores e pais ainda revelam elevada preocupação com os seus potenciais efeitos negativos. No entanto, os investigadores têm mostrado tratar-se de uma alternativa eficaz para alunos que aprendem materiais complexos e abstratos mais rapidamente do que a maioria dos alunos. Ainda assim, educadores e encarregados de educação têm manifestado dúvidas quanto às consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos.

De acordo com um estudo recente de Brian Bernstein, David Lubinski e Camilla Benbow, da Universidade de Vanderbilt, publicado em 2021, os investigadores seguiram alunos durante 35 anos e examinaram os efeitos a longo prazo da educação acelerada, nomeadamente no bem-estar psicológico dos participantes, comprovando que é possível acelerar a formação académica de um aluno que demonstre os conhecimentos necessários – ou seja, pô-lo num ano de escolaridade mais avançado do que o normal na sua idade e/ou a frequentar aulas mais avançadas e intensivas do que os seus colegas.

Para avaliar, os efeitos a longo prazo os autores conduziram dois estudos. No primeiro, seguiram três grupos de alunos com altas capacidades durante 35 anos. Estes 1636 participantes faziam parte do grupo de alunos com notas mais elevadas em testes estandardizados quando tinham cerca de 13 anos (entre 1972 e 1983). Um grupo tinha alunos que estavam nos 1% dos melhores alunos, outro, alunos entre os 0,5% dos melhores alunos, e outro ainda, alunos entre os 0,01% dos melhores alunos. Todos preencheram questionários no momento em que foram selecionados (aos 13 anos), após o ensino secundário (aos 18 anos) e ainda aos 50 anos.

Nos três grupos, verificou-se que os alunos que tiveram a sua educação avançada não revelaram menor bem-estar psicológico aos 50 anos do que os outros alunos. Independentemente das capacidades destes alunos e do seu estatuto socioeconómico, assim como do grau de aceleração, a educação acelerada não influenciou cinco indicadores de bem-estar psicológico 35 anos mais tarde: afeto positivo, afeto negativo, satisfação com a vida, autoavaliações do seu valor e capacidades ou florescimento psicológico (percepções de sucesso nas suas relações, autoestima, propósito e optimismo). Estes resultados indicam que **os adolescentes particularmente dotados parecem apreciar ambientes de ensino mais intensivos e exigentes do que teriam ao seu dispor caso a sua educação não tivesse sido acelerada.**

Estes resultados foram corroborados por um segundo estudo, em que se testou um grupo de 478 alunos de doutoramento em programas de elite nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia ou matemática. Aqui, os participantes tinham cerca de 25 anos quando foram testados pela primeira vez e eram alunos do primeiro ou segundo ano de doutoramento. Testados 25 anos mais tarde, os participantes que haviam tido oportunidades de educação acelerada e/ou terminado o ensino secundário mais cedo revelaram níveis de bem-estar psicológico (medido pelos mesmos indicadores do primeiro estudo) semelhantes aos dos participantes sem essa oportunidade. Mais uma vez, o estatuto socioeconómico dos alunos e pais não influenciou os resultados.

Os resultados destes dois estudos apontam para a ausência de efeitos negativos da educação acelerada no bem-estar psicológico ao longo da vida. Na realidade, estudos anteriores já tinham indicado que acelerar a educação de alunos não afetava o seu bem-estar e desenvolvimento social e emocional a curto prazo. Estes dados vêm assim reforçar a ideia de que **os alunos talentosos com desempenhos de excelência não parecem ser prejudicados por uma educação mais acelerada e exigente.**

Assim, parecem não ter sustentabilidade as preocupações de alguns professores e encarregados de educação quanto a possíveis efeitos tardios da aceleração académica na vida dos alunos.

Em resumo, além dos benefícios intelectuais de incluir alunos que mostrem ter as capacidades e os conhecimentos necessários em aulas mais avançadas, esta investigação vem mostrar que colocar os alunos em turmas que correspondem ao seu nível de conhecimentos e capacidades – em vez de os manter em turmas com colegas da sua idade – não tem efeitos negativos no seu bem-estar psicológico futuro. **Não acelerar a educação de um aluno e mantê-lo em aulas que ensinam conteúdos que já dominam é que pode mesmo ter efeitos negativos.**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DE CONSULTA

Bernstein, B. O., Lubinski, D., & Benbow, C. P. (2021). Academic acceleration in gifted youth and fruitless concerns regarding psychological well-being: A 35-year longitudinal study. *Journal of Educational Psychology*, 113(4), 830-845.



António José Borges
professor e escritor

Voando sobre uma só alma

Tudo lhes acontecia

aos do Tó

O Tó era um homem dividido entre as obrigações académicas, que assumira como projeto de vida, e a entrega aos projetos literários híbridos que o apaixonavam. Ligava as pessoas de um modo especial. E ligava-se de igual modo a elas. Não deixou o mundo como se não tivesse vivido nele.

Uma das pessoas que ele marcou foi o Zé. Eram muito parecidos na filosofia de vida e na forma como olhavam para a literatura e os autores. Estabeleciam com os seus autores fortes ligações em vida e um diálogo intenso fora do tempo e do espaço. Assim que se cruzaram pela primeira vez não mais deixaram de estar ligados. O Tó começou por ler e traduzir alguns poemas do Zé, que escrevia livros de poemas, crónicas e outra prosa e ensaio.

Falavam muito ao telefone e sempre que o Tó vinha à terra do Zé encontravam-se e sempre acontecia algo inusitado. Num dos encontros, por exemplo, depois de o Zé ter apanhado o Tó para irem juntos de carro almoçar com um amigo ensaísta foram perseguidos por outro carro, numa zona com reduzida movimentação, julgando que os dois amigos procuravam comprar droga. Claro que a resposta foi dada em andamento, apenas respondendo com o vidro aberto que estavam equivocados, não era esse o motivo de terem passado por ali.

Numa das viagens do Zé à terra onde o Tó trabalhava, na formosa Itália, logo à chegada de autocarro, depois da viagem de avião, o Zé partilhou com o Tó, e ambos riram-se, que lhe parecia, nos últimos quilómetros da viagem, que atravessara o Martim Moniz, dada a variedade de lojas multinacionais da classe média baixa. Achou de um grande interesse.

Essa estadia do Zé foi muito rica e agradável para ambos. Trabalharam imenso e divertiram-se igualmente depois dos deveres cumpridos, comendo gelados ao frio e à chuva, na companhia de bons amigos em praças largas e rodeadas de história ao ar livre na bella Italia.

Riam-se muito. Liam muito, projetavam muito, conversavam muito. Viviam muito a cultura e a vida. Sempre que o Tó ia à cidade mais naturalmente iluminada de Portugal parava para almoçar ou jantar,

ou pernoitar em casa da família do Zé. O Tó dizia que nunca conseguia dormir nas camas dos outros. Eram autênticas tertúlias. Também paravam frequentemente no café Império com amigos escritores e poetas, grandes autores que nem sempre ostentavam as suas bandeiras para serem visíveis porque o que os definia era o poder da qualidade da sua palavra, do seu verso, da sua prosa. Eles sabem quem são e não precisavam que os dissessem.

Num desses encontros esteve o Giancarlo, em cuja casa de Itália o Zé se tinha sentido como num museu, tal o encanto cultural que vira: manuscritos de Sophia, entre outros autores portugueses, quadros originais, enfim, todo um deslumbramento acumulado.

Foi numa das idas do Zé a Itália que ambos ficaram a discutir o futuro hoje da literatura portuguesa e das suas relações com Itália. O Zé de pé e o Tó sentado como numa pilha de livros. Passaram horas a fio nas imediações na universidade, enquanto os alunos passavam e os cumprimentavam. O Zé perguntava-lhe sobre Eugenio Montale ou Milo de Angelis, autores distantes no tempo, ou questionava-o sobre a prosa e a filosofia literária de Grazia Deledda. Claro, Cesare Pavese, entre outros, estavam sempre no seu pensamento. O Tó confrontava o Zé com novas abordagens a autores portugueses clássicos contemporâneos, tais como Albano Martins, João Rui de Sousa ou João de Melo e João de Araújo Correia, entre outros, como é evidente. Sobre este último o Zé fez uma sessão para os alunos do Tó. Texto e imagem, história e cultura literária complementar-se na abordagem.

Numa das viagens surreais que os dois amigos faziam quando estavam juntos, infelizmente já fora do tempo e do espaço, o Tó esteve presente no pensamento de um passeio do Zé e da sua família, de quem o Tó tanto gostava, com uma colega de ambos, excelente professora, ensaísta e tradutora italiana, que também sabe quem é e nunca precisou de ser reconhecida, e que veio visitar o Zé para conviver e recordar, simplesmente. Ora, como tudo lhes acontecia, ao Tó e ao Zé, quando partilhavam momentos o mesmo sucedeu naquele dia. O Toninho, filho do Zé,



Ilustração de
Aleksandra Belova

de quem tanto o Tó gostava, que sempre brincava apesar de ser um miúdo muito focado e um músico talentoso, enquanto todos conversavam ele foi jogando à bola com o irmão mais novo. De vez em quando fingia estar, quando o mais pequeno se distraía, a jogar andebol contra os troncos das árvores ou rãguebi chutando a bola muito alto, correndo um pouco para voltar a apanhá-la na sua altitude. Bem, sucede que como tudo lhes acontecia, ao Tó e ao Zé, apesar de o Tó já não estar presente... o seu espírito unido ao do Zé esteve porque num dos chutos a bola simplesmente desapareceu no emaranhado de ramos de uma árvore. Todos ficaram cerca de mais de meia hora a olhar para a árvore sem vislumbrar qualquer bola. De repente a mulher do Zé lá a viu, bem escondidinha. Tentaram de tudo: pedras, etc., mas não resultou. A querida amiga pensou que era uma situação tão inusitada e só poderia ser um diálogo com o céu e que apenas uma tempestade ou um avião a rasar a árvore poderiam libertar a bola. O Zé pensou em chamar os bombeiros ou um atleta olímpico de tiro. Disse ao seu filho Henrique, o dono da bola, para chamar o Bombeiro Sam (dos desenhos animados...). Decidiram entregar a bola ao seu destino. Resignados, saíram do parque, despediram-se felizes e pensaram que se tudo lhes acontecia, ao Tó e ao Zé, tudo lhes continua a acontecer, **convergindo**, unindo.

Portugal. Descargando sal.
Oporto I. 1939. Colección
del Archivo Regional
de la Comunidad de Madrid



FOTO: NICOLÁS MULLER

«NICOLÁS MULLER. O OLHAR COMPROMETIDO»

O Centro Português de Fotografia, no Porto, tem patente a exposição «Nicolás Muller. O olhar comprometido» até 20 de Fevereiro de 2022, no âmbito da Mostra Espanha 2021. A exposição é composta por 126 imagens, na sua maioria inéditas, realizadas entre 1937 e 1967. "Várias fotografias foram, no passado em dado momento, utilizadas para publicações, mas com reenquadramentos significativos, sendo agora, porém, possível vê-las no formato original em que foram tiradas".

.....

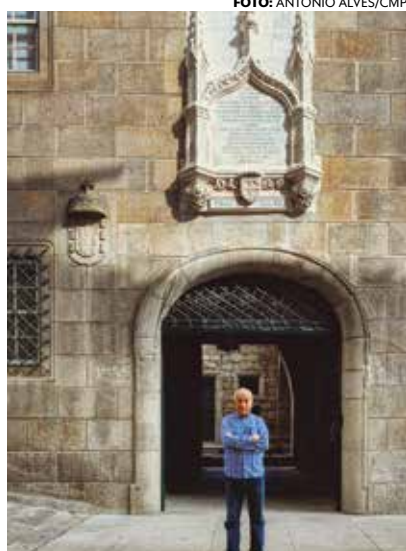


FOTO: ANTÓNIO ALVES/CMP

«GERMANO ARQUIVO»

A Casa do Infante, no Porto, acolhe a exposição «Germano Arquivo», que "resulta do vasto e valioso conjunto documental que Germano Silva tem vindo a reunir e que está agora disponível para todos, com a integração do seu acervo no Arquivo Histórico Municipal do Porto". São manuscritos, monografias impressas, correspondência recebida, cartazes, recortes de jornais, álbuns de fotografias e documentos que condensam desde episódios da maior relevância, até histórias da vida mais rotineira. «Germano Arquivo» está patente no Gabinete do Tempo da Casa do Infante até 16 de Janeiro de 2022, com entrada gratuita.

.....

arte

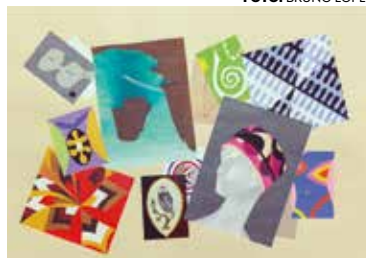
as
artes
entre
as
letras

10 NOV 21

14

«MOON FOULARD»

FOTO: BRUNO LOPES



O artista mexicano Rodrigo Hernández apresenta a exposição «Moon Foulard», na Culturgest Porto, até 5 de Dezembro, com entrada gratuita. "A ambivalência e a ambiguidade são duas características transversais do trabalho de Rodrigo Hernández (Cidade do México, 1983). Entre o desenho, a pintura, o mural, a escultura e a instalação, as suas obras procuram deliberadamente a miscigenação ou a contaminação entre disciplinas".

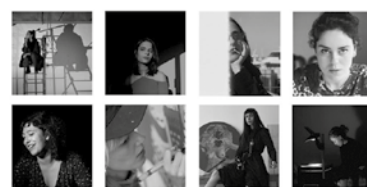
.....

«DUPLO IMPROVISO»



Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural apresenta a exposição «Duplo improvisado», da autoria de Maria Rosas e Renata Carneiro. A mostra está patente no Gabinete da Bienal, em Vila Nova de Gaia, até 27 de Novembro. Inserida no projecto Onda Bienal, apresenta 39 trabalhos recentes em técnica mista sobre papel, realizados a quatro mãos pelas autoras.

.....



«A VIDA E A MORTE»

O Mercado Municipal de Évora tem patente, até ao dia 30 de Novembro, a exposição «A Vida e a Morte», uma visão contemporânea no feminino. A vida e a obra da autora Florbela Espanca e o seu poema que dá nome à mostra constituem o mote da criação, reflexão e contaminação de experiências de oito jovens artistas, a partir da criação colectiva e multidisciplinar nas Artes Visuais com as suas diferentes linguagens. As obras apresentadas pertencem a Alexandra Barbosa, Francisca Sousa, Filipa Jaques, Laura Calado, Catarina Real, Joana Piçarra, Beatriz Domingues e Joana Calhau.

.....



«REGISTOS ®»

O Museu Municipal de Espinho (Espinho) acolhe a exposição de Maria Afonso «Registos ®». A mostra de técnicas de impressão é composta de várias séries, algumas das quais já anteriormente exibidas e que agora, e até 11 de Dezembro, podem ser apreciadas num só espaço.

.....

«Brother distance»,
de Filipe Rodrigues.



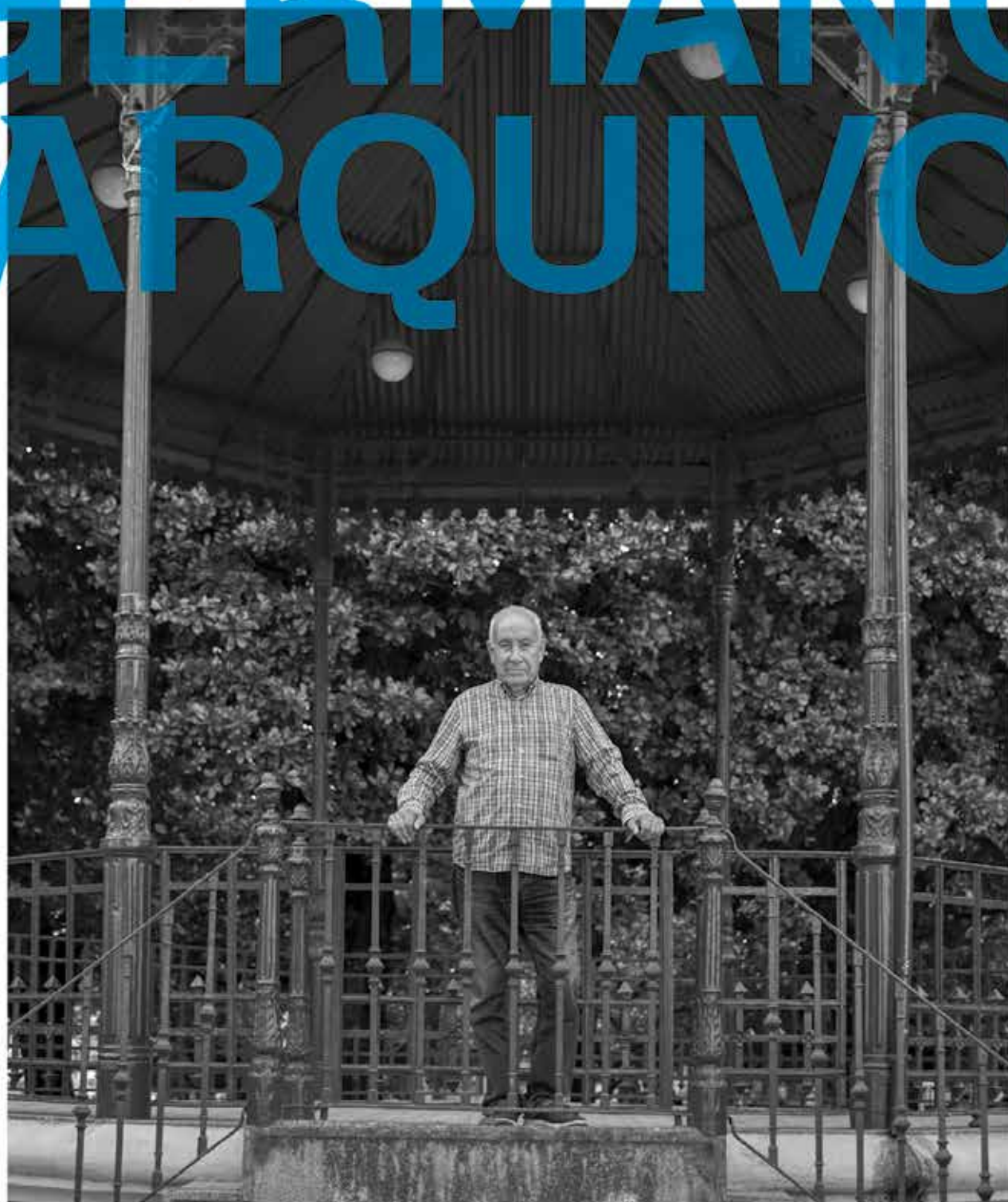
«COLECTIVA DE ARTES PLÁSTICAS»

Assinalando os 10 anos de vida, a Galeria Porto Oriental tem patente a «Colectiva de Artes Plásticas», onde são mostradas pinturas e esculturas recentes de artistas plásticos que expuseram individualmente na Galeria Porto Oriental de 2011 a 2021. São 21 artistas que ali apresentam obras que podem ser visitadas até ao fim de Novembro.

.....

29 OUT 2021 — 16 JAN 2022
GABINETE DO TEMPO / CABINET OF TIME
ARQUIVO / ARCHIVE

GERMANO ARQUIVO



MUSEU DA CIDADE
CASA DO INFANTE
MUSEUDACIDADEPORTO.PT



FOTOGRAFIAS DE LUÍS BARBOSA

A Rota do Românico tem patente no Centro de Interpretação do Românico, em Lousada (distrito do Porto), uma exposição fotográfica dedicada aos Cuidadores do Património. As fotos, da autoria de Luís Barbosa, destacam, num registo intimista, as relações de afecto que unem estas pessoas, de várias idades, aos bens patrimoniais da Rota do Românico. A mostra pode ser visitada de terça-feira a domingo, entre as 10 e as 18 horas, até 30 de Janeiro de 2022.



COLECTIVA DOS ALUNOS DA UPP

A Universidade Popular do Porto (UPP) tem patente a exposição colectiva dos alunos do curso de "Atelier d'Artes", orientado por Rosa Bela Cruz. A mostra está patente, na sede da UPP até 14 de Dezembro.

arte

as
artes
entre
as
letras

10 NOV 21

16

FOTO: NUNO ANDRÉ FERREIRA



MAIA RECEBE WORLD PRESS PHOTO 2021

Até 21 de Novembro, o Fórum da Maia é o palco da exposição que passa por mais de 100 cidades em todo o mundo com as fotografias premiadas no concurso World Press Photo 2021. A Fotografia do Ano é da autoria de Mads Nissen, intitula-se «O Primeiro Abraço» e retrata o primeiro abraço que uma idosa, Rosa, recebeu em cinco meses, em virtude da pandemia por Covid-19. A História do Ano é da autoria de Antonio Faccilongo, intitula-se «Habibi [Meu Amor]» e retrata a coragem e a perseverança do povo palestino face a um dos conflitos mais prolongados e complicados da história moderna. O fotógrafo português Nuno André Ferreira recebeu o 3.º prémio na categoria de Fotografia Individual, com uma fotografia intitulada «Fogo na Floresta». A World Press Photo realiza-se na Maia há 21 anos.

PEDRO TROPA VENCE PRÉMIO FLAD DE DESENHO

Pedro Tropa é o vencedor da 1.ª edição do Prémio FLAD de Desenho. A entrega do prémio – no valor de 20 mil euros – decorreu no passado dia 30 de Outubro na feira Drawing Room Lisboa, onde as obras dos 10 artistas finalistas se encontraram em exposição. Este prémio, que será anual, tem como objectivo apoiar a produção e a inovação artística em Portugal e foi criado pela Fundação Luso-Americana Para o Desenvolvimento (FLAD).

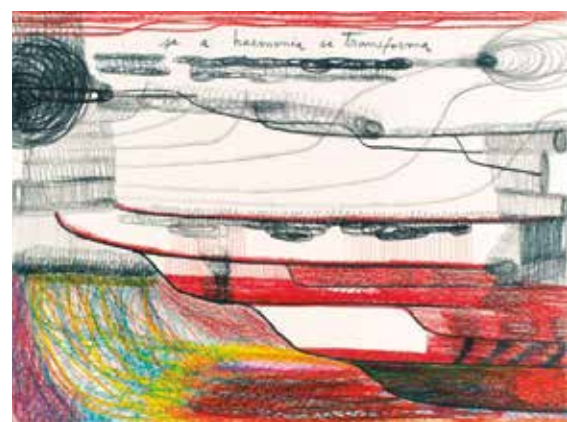
Ivo Bassanti (1979, Portugal).
Twin Mermaids, n.d. Mixed media on canvas
20 x 45 cm. Copyright: Perve Galeria 2021



«POPART & FREEDOM»

A Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Alfama, Lisboa, tem patente a exposição individual de Ivo Bassanti «PopArt & Freedom». A exposição reflecte um projecto curatorial de Carlos Cabral Nunes que vai ao encontro da obra de Ivo Bassanti, respeitando a forte influência do movimento POP e da cultura de liberdade expressa nas cores intensas e nas diversas narrativas neo-libertárias presentes nas obras expostas, que podem ser visitadas até 21 de Janeiro de 2022 (sábado).

Entretanto, a Perve Galeria (Lisboa) participa na feira de arte africana contemporânea AKAA (acrónimo de Also Known As Africa), que decorre de 11 (quinta-feira) a 14 de Novembro no Le Carreau du Temple, em Paris. Participa com um projecto para o VIP Lounge dedicado a José Chambel, artista são-tomense radicado em Portugal, para além do stand que terá à entrada da feira, onde vão ser mostradas obras de outros artistas africanos de Língua Portuguesa, tais como Malangatana, Tchalé Figueira, Reinata e Ernesto Shikhani.



«Desenhos Fonográficos», 2020.
Lápis de cor sobre papel.

André Veríssimo
prof. universitário

CAPÍTULO 53:

Derrida: o Outro levinasiano para além da essência

Derrida (1973) reconhece que através da meditação do sentido do ser, que é endereçado à metafísica, Heidegger estaria também pondo sob suspeição a opinião geralmente aceite sobre a questão do ser e sobre a questão da verdade, e com isto “abalando as seguranças da onto-teologia”, e contribuindo, portanto, “para deslocar a unidade do sentido do ser, isto é, em última instância a unidade da palavra” (DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, Perspectiva, EDUSP, 1973, pp. 26-27).

Neste ponto Derrida refere-se a um deslocamento, que teria redundado numa ruptura entre *phoné* e *logos*. Isso ocorre (segundo Derrida) depois de Heidegger evocar a ‘voz do ser’, onde Heidegger lembra “que ela é silenciosa, muda, insonora, sem palavra originariamente á-fona (*die Gewähr der lautlosen Stimme verborgener Quellen*) [“A garantia da voz silenciosa das fontes ocultas”]. Não se ouve a voz das fontes. Ruptura entre o sentido originário do ser e a palavra, entre o sentido e a voz, entre a “voz do ser” e a *phoné*, entre o “apelo do ser” e som articulado (DERRIDA, 1973: 27).

Temos assim a confirmação de uma metáfora fundamental, lugar da suspeição, percepção da desfasagem metafórica, o que bem traduz a ambiguidade da situação heideggeriana com respeito ao ideato da metafísica da presença e ao logocentrismo. O pensamento a partir de Derrida introduz aqui uma *diferença* que não é puramente gráfica mas antes uma chamada à ideia de alteridade que pretende vivamente escapar à mesmidade e à lógica do idêntico.

Jacques Derrida, filósofo que, como podemos acompanhar, mantém um diálogo profundo com Levinas, assume alguns de seus conceitos, mas ao mesmo tempo, provoca uma desconstrução, por dentro do próprio texto, o que resultou na necessidade de Levinas em rever sua própria obra.

Para Levinas, o Ausente está de um certo modo na linguagem, mas permanece além da linguagem, além da presença dos falantes. Derrida acompanha o ves-

tígio do Ausente que é sempre uma trajetória de passagem para, desse modo, pensar a Diferença que atravessa a linguagem mesma.

«La différence est le mouvement «producteur» des différences: elle est le «processus» par lequel les signifiants se substituent à l’infini, entraînant le besoin d’un idéal qui porterait son sens au langage. Contemporain du structuralisme, Derrida a repensé la différence qui, chez Ferdinand de Saussure (Cours de linguistique générale), donne sens aux éléments signifiants, par rapport à la répétition de la trace durable de l’institution d’un signifié, comme absence au cœur de la présence. Aussi, la «trace» ne permet pas de remonter à une quelconque origine: les concepts différents, ne sont jamais pleinement eux-mêmes et sont intriqués malgré leurs apparentes oppositions: il n’y a aucune vérité première externe puisque le supplément constitue l’origine, il n’y a aucune différence transcendante à poursuivre. Le philosophe Mikel Dufrenne dans Pour une philosophie non théologique, s’oppose aux pensées qui donnent le primat à l’expérience de l’absence pure, en particulier Heidegger, Blanchot et Derrida. C’est en absolutisant l’absence, ou en en faisant le ressort de tout ce que nous croyons trouver de consistant que la philosophie prête le flanc aux théologies négatives, et donc à la réintroduction d’une forme de religiosité en philosophie. Ainsi la «différance» est-elle un “concept non-conceptualisable”, échappant à toutes les catégories du connaître mais se trouvant à leur source même, à la manière dont le Dieu des mystiques ou l’Un néo-platonicien est ineffable car “au-delà de l’être”.» (Consultado o Link 10.06.2021: https://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques_Derrida?oldid=132666051) “Quando buscamos o significado de um significante, este nos remete a outros significantes. É este itinerário que se encontra desenhado nos dicionários. Assim, todos os elementos estão marcados por outros – traços – se todo o elemento do sistema só possui identidade em sua di-

ferença com relação a outros elementos, cada elemento está marcado assim, por todos esses que ele não é: ele traz, portanto o traço deles. Há uma alteridade na própria palavra, mas isso não nos deve conduzir à análise de que Derrida estaria propondo um esvaziamento dos signos, um nada. Ao enfatizar a *diferencia* [Nesse momento, Derrida diferencia *différence* e *différance*, momento este que só é perceptível na escrita. Assim Derrida marca uma diacronia na própria língua], contida no interior das palavras, ele acaba provocando um movimento de debate constante, em que os significados não estão dados, são históricos [negociados] e devem, por isso, ser sempre revistos. Não há mais a possibilidade de uma verdade fechada em si mesma. A *diferença* – não apenas vista como diferimento, mas como adiantamento – desestrutura uma razão onipotente, obsessiva pela presença, que busca incansavelmente uma resposta final a todas as questões. A *diferencia* impulsiona a razão a abrir-se, não havendo mais retorno possível. Ao perder-se, o Eu encontra-se com o Outro.” - SUSIN, Luiz Carlos, ... [et al.] (Orgs.) *Éticas em Diálogo, Levinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces*, Coleção Filosofia -159, Portalegre, EDIPCURS: 2003, pp. 137, 138. Cfr. DERRIDA, *Marges de la Philosophie*, «La différence» Paris, Éditions Minuit: 1972, pp. 11-13, 25-27.

A bondade é significado, não dum grito egoísta de subjectividade imperfeita, como acontece no caso de Sören Kierkegaard (preocupação com a *eudaimonia*), ou como um anelo soteriológico. Essa realização implica uma des-ontologização, quer no nível do sujeito, quer no nível da história interpessoal.

Contrariamente a Hegel, para Levinas (1969) o Outro não é negação do mesmo. Porque a forma do Eu como inerente a um Ser, posto como Desejo e como Bondade, implica a sustentação de si, na manifestação e no extra-versionamento, como a essência da linguagem, de não-alergia, mas de hospitalidade e acolhimento.



Sublinhar é preciso



FOTO: DR

Não lembro ao certo quem disse (talvez Carl Sagan) que, nas ciências, boa parte do trabalho é de limpeza. Há que colocar em ordem não apenas ideias, como instrumentos, ferramentas, papéis, livros. Coisas que servem ideias.

Em arrumação do meu escritório, dei comigo a retirar de uma estante, e logo a folhear, uma excelente novela. Género que nos últimos anos me anda a ficar muito distante. Dei assim comigo a pensar como seria bom e útil que o gosto pela Literatura fosse mais estimulado.

Não pensei em propaganda (embora “Quem não lê, chapéu!” – *slogan* da minha infância, me pareça ainda uma provocação salutar). Vieram-me à mente as atividades de recensão, de crítica, que falam sobre obras não “técnicas”. Algumas são diálogo entre especialistas, mas seria interessante que, além dele, se conseguisse seduzir as pessoas comuns (e desde logo crianças e jovens) para a leitura. Não pude deixar de pensar na importância de fazer as obras falarem por si mesmas, sem mediações que algumas vezes só complicam, e assim desincentivam da leitura de obras que pretendiam apresentar, e almejavam favorecer. Porém, as seletas escolares não chegam.

E veio-me à mente uma cumulativa forma de apresentação, bastante distanciada do que tenho visto. Não se trata, portanto, da abordagem tradicional, mas de uma modalidade diversa, baseada em notas de

leitura, ou melhor, em sublinhados de leitura.

Desde que compreendi que sublinhar e anotar à margem um livro só o valoriza e não o danifica (a partir do momento em que o leitor o faz com algum saber, comedimento e autenticidade), tenho esse hábito.

Experimentei um ensaio nesse sentido, não sei se resultará: concentrei-me num fio narrativo ao mesmo tempo inserido na trama da obra, e dela destacável, como um hipertexto.

Sabemos como, muito frequentemente, a história e a crítica literárias em algumas das suas versões ganharam uma dimensão subjetiva: não apenas numa versão teoricamente superada, mas talvez nem sempre olvidada na prática, associando a biografia e a obra dos autores (biografismo), como olhando para cada autor e obra com os óculos próprios do modo de ver do crítico ou historiador (subjetivismo). Pois é assumindo a minha quota-parte de subjetivismo (*ma non troppo*), que advogo a utilização dos sublinhados de leitura. Passagens de um livro que, por uma razão ou por outra, chamaram a atenção do leitor-divulgador. Mas nem sempre pelos mesmos motivos do autor; designadamente, nem sempre por concordância – embora haja essa tendência; as discordâncias podem ser sublinhadas, sim, mas normalmente acompanhadas de comentário, ou de um sinal de distanciamento do leitor: no mínimo, um ponto de interrogação.

Não se peça ao método o que não pode dar. Quando se fazem este tipo de sublinhados, está-se a seguir uma leitura com o seu fluxo próprio. Em princípio, é uma ação algo imediatista, sem se pensar que se irá depois reutilizar essas referências. Assim, é uma forma não autocontrolada de alguma identificação com o texto, pontualmente (com a aludida possibilidade de rejeição também – e, por vezes, há leitores que dialogam longamente em anotações com o autor). Portanto, des-

de logo, não se poderá muitas vezes aquilatar sequer do tema da obra apenas através dessas anotações, e menos ainda por simples referência às mesmas. Mas não é disso que se trata: é de chamar a atenção para o conteúdo, por vezes atomista, mas importante. Resumos, já os há, pelo menos das obras mais conhecidas. O resumo dissuade da leitura.

Ocorre também que, não raro, essas passagens significativas para um leitor pouco dizem a outro. É natural. E obviamente que, assim, a imagem que um e outro farão do livro, qual quer um, será, necessariamente, muito diversa. Mesmo pela leitura integral o podem ser, por maioria de razão a partir dos extratos que um e outro considerem relevantes.

Alguns leitores sublinhadores são movidos pela bela frase, outros pela interessante, original ou importante ideia, e outros inclinados a necessitar de alguns elementos de uma e de outra das categorias para serem levados a sublinhar. Embora sublinhemos ideias úteis ou instigantes nem sempre veiculadas por estilo de valor, em geral preferimos que ande uma coisa à outra associada. Isso pode fazer com que se percam algumas ideias, dissolvidas em frases com menos rasgo, e pode ver-se enfatizado um ou outro caso de estilo chamativo que, porém, não seja invólucro de ideia grandemente significativa.

Finalmente, observe-se que, se em alguns casos certas frases podem ser lapidares e encerrar importantes elementos para se conhecer e entender a perspectiva geral do autor, a sua mundividência ou cosmovisão, noutros casos (e não serão certamente pouco frequentes) o que ocorre é que essas frases que chamaram a atenção de um leitor não serão mais que *obiter dicta*, apartes, excursos, desabafos. Sublinhar é preciso; ler resumos, não. Meia dúzia de frases com ideias interessantes, levam a ler. Consumir condensação alheia é ilusão de saber, ditada pela preguiça.



Lauro António
cineasta

Filmes que eu amo (7)

CONTOS DA LUA VAGA

Kenji Mizoguchi pertence à grande tríade de cineastas geniais do cinema japonês, tardiamente “descobertos” no Ocidente. Conjuntamente com Akira Kurosawa e Yasujiro Ozu, e secundados por muitos outros, Mizoguchi impôs uma obra absolutamente memorável, ainda pouco conhecida em Portugal de forma significativa. Creio que foi num festival de Valladolid que tive oportunidade de ver, de forma seguida, oito ou dez filmes deste cineasta, em sessões às nove da manhã (que suplício de horário!), que me permitiram ter uma ideia aproximada da importância de Mizoguchi. O seu cinema é simultaneamente poético e vigoroso, crítico na análise histórica e social e de um intenso lirismo, para lá de ser de uma originalidade narrativa invulgar.

“Os Contos da Lua Vaga” datam de 1953 e são absolutamente notáveis como estrutura narrativa, planos longos e discretos quando a acção assim o pede, um turbilhão de montagem nervosa noutros casos, mas sempre com um significado dramático exemplar. Há neste título, uma longa sequência passada

numa barcaça num lago envolto em névoa que é indiscutivelmente dos momentos maiores da História do Cinema Mundial.

“Ugetsu Monogatari” baseia-se num conjunto de contos tradicionais nipónicos escritos por Ueda Akinari no ano de 1776. No centro da acção encontramos dois casais rurais que vivem perto do lago Biwa, na província de Ōmi, ainda no período feudal do Japão do século XVI, dominado pela guerra civil. Um é um oleiro que quer fazer fortuna vendendo as suas cerâmicas, o outro um obcecado em servir um qualquer senhor feudal como samurai. Ambos ambicionam uma vida melhor para si e os seus, mas ambos vão colher trágicos ensinamentos ao longo das suas experiências. O filme assume-se como um violento libelo contra a violência da guerra, contra a prepotência dos poderosos, contra a ambição desmedida e tresloucada de alguns que não sabem dar o devido valor ao que têm e se alienam por caminhos invios. Se o argumento é importante, a forma como é contado é admirável. Foi o conhecido crítico francês André Bazin quem disse: “Eisenstein ad-

mirava no teatro kabuki a coesão das sensações visuais, auditivas, espaciais, criando uma imensa e complexa provocação do cérebro humano. “Os Contos da Lua Vaga” é disso uma sublime ilustração”, in Claude Beylie, *Les Films-clefs du cinéma*, Bordas, 1987.

Este filme de Mizoguchi obteve o Leão de Prata do Festival de Veneza de 1953, iniciando assim a apresentação das obras do autor no Ocidente.

CONTOS DA LUA VAGA

Título original: Ugetsu monogatari

Realização: Kenji Mizoguchi (Japão, 1953); **Argumento:** Matsutarō Kawaguchi, Hisakazu Tsuji, Akinari Ueda, Yoshikata Yoda, segundo história de Asaji Ga Yado, Jasei No In; **Produção:** Masaichi Nagata; **Música:** Fumio Hayasaka, Tamekichi Mochizuki, Ichirō Sait; **Fotografia (pb):** Kazuo Miyagawa; **Montagem:** Mitsuzō Miyata; **Design de produção:** Masatsugu Hashimoto; **Direcção artística:** Kisaku Itō; **Decoração:** Kosaburō Nakajima; **Guarda-roupa:** Tadaoto Kainoshō, Shima Yoshizane; **Maquilhagem:** Yoshiya Fukuyama, Ritsu Hanai; **Direcção de Produção:** Kazuhiko Oohashi; **Assistentes de realização:** Tokuzō Tanaka; **Departamento de arte:** Uichirō Yamamoto, Seiichi Ōta; **Som:** Akira Suzuki, Iwao Ōtani; **Companhia de produção:** Daiei Studios; **Intérpretes:** Machiko Kyō (Lady Wakasa), Mitsuko Mito (Ohama), Kinuyo Tanaka (Miyagi), Masayuki Mori (Genjurō), Eitarō Ozawa (Tōbei), Sugisaku Aoyama, Mitsusaburō Ramon, Ryōsuke Kagawa, Kichijirō Ueda, Shōzō Nanbu, Kikue Mōri, Ryūzaburō Mitsuoka, Ichirō Amano, Eigorō Onoe, Saburō Date, Fumihiko Yokoyama, Ichisaburo Sawamura, etc. **Duração:** 96 minutos; **Distribuição em Portugal:** Leopardo Filmes; **Distribuição de DVD:** Monroe Stahr; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 14 de Julho de 1995.



Rudesindo Soutelo
compositor e mestre em Educação Artística

O Bardo na Brêtema



FOTO: DR

Os adjetivos têm a função de atribuir características que qualificam ou restringem o significado dos substantivos e, quando falamos de música, é esmagadora a quantidade de adjetivos que a hermenêutica musicológica pode utilizar para intentar que a descrição do fenómeno sonoro encaixe, com a maior precisão possível, no gigantesco mundo da música. Daí que, na linguagem comum exista a tendência para simplificar e, desde o século XVIII, se reduza à oposição 'música erudita' ou 'complexa' versus 'música ligeira' ou 'de divertimento'; o que não atribui uma conotação de qualidade mas uma delimitação de espaços de atuação. Simplificando ainda mais, a oposição mais utilizada popularmente é 'boa música' contra 'música ruim' ou que não presta.

Essa dicotomia já estava presente nos escritos de Platão onde, no segundo livro das *Leis*, se lê que a natureza da alma se corresponde com a natureza das músicas que aprecia¹, seguindo o princípio de que os semelhantes têm tendência a juntar-se e, portanto, sempre há uma música má, da qual devemos afastarmos-nos, e uma música boa, que aperfeiçoa a nossa alma. O cristianismo perseguiu, até à extinção, os géneros cromático e enarmónico da música grega porque os seus intervalos suscitavam prazeres libidinosos naqueles ouvidos puritanos. Mesmo o género diatónico grego, o único que o cristianismo tolerou, regrediu a usos ingênuos e perdeu-se toda a escrita musical, que teve de ser reinventada séculos depois, quando o aumento do repertório excedia as capacidades da memória humana e as monodias do românico ultrapassaram os sóbrios limites do canto carolíngio, mal chamado gregoriano. Época, também, na que a polifonia já ousava tornar-se audível.

Aquela condenação do género cromático e do enarmónico como 'música profana', oposta à boa 'música religiosa', vai ser renovada muitas vezes pela igreja cristã e, assim, os concílios hão de le-

Algomúsicas

vantar-se contra o abuso dos vocalizos, da complexidade polifónica, do estilo barroco, da música atonal, da música eletrónica, em conclusão, contra toda e qualquer evolução da arte musical. O critério religioso da música 'boa' e 'má' foi perdendo importância nos últimos dois séculos até ao ponto de que o que hoje se compõe para a liturgia é, com raríssimas exceções, musicalmente simplório e banal, aproximando-se da categoria de musicueta. Termo, este, que finalmente foi dicionarizado e, como bem tinha refletido Wittgenstein em 1931: "Uma palavra nova é como uma semente viçosa lançada à terra no campo da discussão"².

Para contrariar o antagonismo de música complexa frente a música ligeira, informo os meus alunos que existe um terceiro tipo que é a 'música lixeira', essa sim, banal, idiota e ruim, e o contacto com ela, como escrevia Platão, não é recomendável.

A Dr.^a Helena Vieira, em tom de brincadeira, propõe criarmos um aparelho detetor de música boa. Seria ótimo para que os compositores resolvessem as suas dúvidas existenciais e também para que os musicólogos soubessem se aquelas músicas enferrujadas que encontram nas gavetas têm algum valor musical. Brincadeiras à parte, não me parece possível.

A tecnologia de inteligência artificial leva muitos anos desenvolvendo aplicações nesse sentido. A empresa Musiio³ é talvez a mais significativa, atualmente, nesse setor, mas essa inteligência é meramente estatística e, por definição, carece de criatividade pois baseia-se na memória do passado e não consegue imaginar o futuro. Analisa os padrões da música que ouvimos, a que supostamente consideramos 'boa', e utiliza isso como modelo de referência para avaliar as possibilidades de êxito presente de uma determinada música. Este sistema também se utilizou para imitar o estilo de algum compositor, analisando os padrões de, por exemplo, Chopin, Mozart, Bach ou mesmo autores pop, mas o resultado foi sempre desencorajador, sem vida, inverosímil. No passado dia 9 de outubro foi apresentada ao público, em

Bona, cidade natal de Beethoven, a suposta Décima Sinfonia que ele só esboçou. Foram vários anos de trabalho com os algoritmos da inteligência artificial mas foi precisa a ajuda da inteligência humana para dar sentido e coerência ao resultado final. Ouvindo o tal engendro, estou seguro de que Beethoven se teria enfurecido porque depois da grandiosa, original e inovadora *Nona*, ele, que sempre antecipou o futuro, nunca assinaria um decalque do seu passado.

Os algoritmos que a inteligência artificial utiliza, para classificar as músicas e decidir quais são as melhores opções para se transformar em grandes êxitos, nada têm a ver com os tradicionais critérios de qualidade das obras. Os telemóveis atuais são uma valiosíssima fonte de informação dos hábitos de consumo musical de todos os usuários a nível global. Não só registam tudo o que vemos, lemos e ouvimos nesses aparelhos diabólicos, também guardam a informação do estado emocional e das circunstâncias em que o fazemos. Esse conjunto de dados é compilado pelas diversas plataformas de redes sociais e serviços de música (também pelos serviços de informação e policiamento de todo o mundo) e isso, cruzado com os padrões da música que realmente ouvimos, decide o que o mercado nos vai oferecer a seguir. Dessa análise do consumo musical surge a nova música 'boa', a que mais dinheiro gera, a da grande irmandade de consumidores, a caminho da extinção, que não conseguem imaginar o futuro porque adormeceram na obstinada recriação do passado.

Para imaginar musicalmente o futuro não é possível fazê-lo com algoritmos. A música é demasiado complexa para ser reduzida a um número finito de operações de cálculo. A inteligência artificial funciona com sequências lógicas não ambíguas e a criação musical exige muitos mais parâmetros, algo-mais-que-ritmos, para lidar com os infinitos processos de incerteza da complexidade musical. Talvez a computação quântica ouse ultrapassar os algoritmos e, nesse caso, falaremos de algomúsicas.

¹Platão. *As Leis*. Livro II, 655d-656b.

²Wittgenstein, L. (1980): *Cultura e Valor*. Lisboa, Edições 70; p. 14

³<https://app.musiio.com/>

**Paulo Sá Machado**comissário geral dos Colóquios Internacionais
Caminhos de Santiago

VII Colóquio Internacional Caminhos de Santiago, em S. Pedro de Rates

Depois de um forçado interregno, por razões de todos por demais conhecidas, voltam a realizarem-se os Colóquios Internacionais Caminhos de Santiago, a 19 e 20 de Novembro, em S. Pedro de Rates, Póvoa de Varzim.

Depois do êxito alcançado em 2019, cujo tema “A Gastronomia no Caminho”, que para além de um conjunto de excelentes comunicadores, teve uma paella andaluza confeccionada no momento, pelos membros da Associação dos Caminhos de Sevilha.

Desde o primeiro colóquio que se tem notado um número crescente de participantes, quase geométrico demon-

strativo do interesse que desperta junto da comunidade científica, ou simples amantes do tema, e caminheiros. Este ano procedeu-se na inclusão de uma nova vaga de conferencistas, quer nacionais quer estrangeiros, prova de uma evolução positiva. Acreditamos que nos Congressos e Colóquios deve haver um rejuvenescimento de comunicadores, que trazem novas e aliciantes perspectivas. Lançamos um convite para que muitos se desloquem até S. Pedro de Rates, e apreciem, para além do centro histórico, a Igreja Românica do Século XII, património nacional. Até S. Pedro de Rates.

FOTO: DR



VII COLÓQUIO INTERNACIONAL CAMINHOS DE SANTIAGO “Alminhas, Relíquias e Relicários”

PROGRAMA GERAL

18 a 31 de Novembro de 2021

Núcleo Museológico de S. Pedro de Rates

Exposição Bibliográfica e Iconográfica
sobre Santiago no Caminho

18 de Novembro de 2021

Igreja Românica de S. Pedro de Rates

9h30 - Sessão de abertura do VII Colóquio
Internacional Caminhos de Santiago.
Apresentação do VI volume das Actas do
Colóquio Internacional - Paulo Sá Machado

19 de Novembro de 2021

Salão Nobre da Junta de Freguesia de S. Pedro de Rates

10h30 – 1.ª Sessão de Trabalhos.
“Alminhas, Relíquias e Relicários
no Caminho em S. Pedro de Rates”
- Paulo Sá Machado (Porto)

“Paisagens Jacobas da Maia
– A Igreja de Santiago em Milheirós” -
José Augusto Maia Marques (Maia - Portugal);
Rui Teles de Meneses (Maia - Portugal)

“Bajo la protección de San Julián y Santa
Basilisa de Samos: reliquias y relicários”
- Estefania López Salas (Espanha)

“Caminhos com Alma: a simbologia
do caminho; interpretação da simbologia
e iconografia do Túmulo de D. Rodrigo
Sanchez (Mosteiro de Grijó)” - José Manuel
da Costa e Silva (Grijó - Vila Nova de Gaia);
Francisco Manuel de Jesus Silva
(Grijó - Vila Nova de Gaia)

“Todos os Caminhos vão dar a Santiago”
- Jorge Duarte (Freixo de Espada à Cinta)

14h30 – 2.ª Sessão de Trabalhos
“Na consolidação da independência
de Portugal e no apagamento histórico
da Galiza (Reino de Leão), teve algum
papel Os Caminhos de Santiago?”
- Joaquim Pinto da Silva (Porto)

“O Caminho de Santiago no Concelho
de Esposende – Um corredor Cultural”
- Manuel Albino Penteadó Neiva (Esposende)

“São Pantaleão, ex-patrono do Porto
– as relíquias, os relicários e a arca desapareci-
da da catedral” - Manuel Araújo (Porto)

“A viaxe de almas à fin do Mundo”
- Manuel Rodriguez (Espanha)

“Quando Nicolao Albini passou por cá”
- José Valle de Figueiredo (Porto)

“Civitas Dei – A ciência da Construção”
- Rui Gomes Baptista (Póvoa de Varzim)

“Las Reliquias del Apóstol Santiago”
- Ramon Yzquierdo Perrin (Espanha);
Francisco Gomes Coelho (Ponta Delgada - Açores)

20 de Novembro de 2021

Salão Nobre da Junta de Freguesia de S. Pedro de Rates

9h30 – 3.ª Sessão de Trabalhos

“Os mil anos da Capela de São Tiago em Louredo
– Paredes” - João Vieira (Paredes)

“El culto al Purgatorio a través de obras de historiadores
franceses fueron del siglo XX. Entre ellos,
Jacques Le Goff” - Jean Claude Benazet (França)

“El peregrinaje de los libros de Italia a Santiago:
el largo viaje de la cultura” - Buono Benedict (Itália)

“A arte no Caminho de Santiago. Criações,
evocações e relacionamento ao largo do Tempo”
- Francisco Singul (Espanha)

12h00 – Sessão de Encerramento
Conclusões

13h00 – Almoço final de Confraternização

«Ensaaios sobre Fotografia» no Livros no Mira

«Ensaaios sobre Fotografia», de Susan Sontag, é o livro da sessão de 23 de Novembro (e não de 9, como erradamente noticiámos na edição passada) do projecto Livros no Mira – que o Mira Forum, do Porto, organiza mensalmente para uma conversa à volta de um livro proposto antecipadamente.

A conversa acontecerá via Zoom [<https://us06web.zoom.us/j/88692942861...>; ID da reunião: 886 9294 2861; senha de acesso: 191244] e Live do facebook; tem início às 21h30. A proposta de leitura deste clássico integra-se no MIP - Mês da Imagem do Porto e “será uma oportunidade para sabermos da actualidade destes ensaios publicado em 1977”.

João Tordo vence prémio Fernando Namora

Com o romance «Felicidade», João Tordo foi o vencedor da 24.^a edição do Prémio Literário Fernando Namora, relativo ao ano de 2021, instituído pela Estoril Sol, com o valor pecuniário de 15 mil euros. Na deliberação do júri, presidido por Guilherme D'Oliveira Martins, e após debate sobre os méritos das obras apresentadas a concurso, assinala-se que a obra de João Tordo “é um romance de formação emocional e afectiva de um homem constituído em narrador”.

Siza é «Personalidade do Norte»

O arquitecto Álvaro Siza Vieira foi distinguido com o prémio «Personalidade do Norte» atribuído pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N). Na comunicação, a CCDR-N justifica a distinção pelo “percurso de criador de valor excepcional e pela dimensão internacional que alcançou”.

Traga-Mundos recebe documentário

Na próxima segunda-feira (dia 15 de Novembro), a Traga-Mundos, em Vila Real, recebe a apresentação do documentário «1965 Panreal – um edifício de Nadir Afonso», de José Paulo Santos; a sessão inicia-se às 21 horas. Entretanto, a Traga-Mundos tem patente a exposição de Sofia da Mata, até Janeiro de 2022.



Apresentação de «Portugal - Que Prioridades para o Futuro»

Depois de «Portugal - Que Prioridades para o Futuro», livro que apresentou os estatutos fundadores da Participar+, a associação cívica que pretende analisar e discutir os principais problemas que atingem a sociedade portuguesa, apresenta agora «Portugal - As Questões do Presente». “Um livro que reúne os contributos de Ana Paula Martins, António Costa Silva, António Saraiva, Carlos Monjardino, Manuel S. Fonseca e Vítor Ramalho para dar resposta às importantes questões do presente, como a vulnerabilidade do país, a pandemia, a saúde e a cidadania”. Com prefácio do presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, «Portugal - As Questões do Presente» é um contributo para a promoção de reflexões e debates sobre temas cuja importância é fulcral para os nossos desafios colectivos. A obra, que já chegou à rede livreira nacional, será apresentado no próximo dia 13 de Novembro (sábado), pelas 14h30, no auditório D. Pedro IV da Santa Casa da Misericórdia do Porto, por ocasião do colóquio «Portugal: a juventude e os desafios do futuro», com moderação de António Costa Silva e de Ana Gabriela Cabilhas. O evento contará ainda com as intervenções de Sobrinho Simões, presidente do Ipatimup; de João Pedro Videira, presidente do Conselho Nacional de Juventude; da comissária europeia Elisa Ferreira; de José Diogo Marques, do movimento Cumprir Portugal; e de António Tavares, provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

3.^a edição de Seminários ao Lanche

Na próxima terça-feira (16 de Novembro) realiza-se a primeira sessão da 3.^a edição dos Seminários ao Lanche, uma iniciativa do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Com início às 15 horas, a sessão terá lugar na sala de reuniões do CEHUM e conta com a participação de Kátia Lopes (CEHUM, PRADIC), sob o tema «A organização composicional no género discursivo tomada de posse presidencial», e Zulfa Omar Said (CEHUM, LTE), com o tema «O Português como L3: Sobre a influência das línguas previamente adquiridas».

Lançamento de «Eppur si muove»

No próximo dia 16 de Novembro (terça-feira) será lançado o livro de Manuela Espírito Santo «Eppur si muove - Uma História Ilustrada da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto». O livro será apresentado por Jorge Pedro de Sousa, a partir das 17h30, na Fundação Eng. António de Almeida, Porto.

Arrancam as celebrações do centenário de Saramago

Irene Vallejo, autora de «O Infinito num Junco» e do «Manifesto pela Leitura», estará em Lisboa no dia 16 de Novembro (terça-feira), para a participação num evento que assinala os 99 anos do nascimento de José Saramago e que dá início à celebração do centenário do escritor; a partir das 20 horas, no Teatro São Luiz. Irene Vallejo lerá o Manifesto pela Leitura, seguindo-se um concerto pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida pelo maestro Pedro Neves. O programa é composto por «As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz», de Joseph Haydn, com leitura de textos de José Saramago pela atriz Suzana Borges. Um dia depois (17 de Novembro), Irene Vallejo participa na conferência integrada na iniciativa mensal «Seminários Internacionais de Estudos Globais» promovida pela Cátedra de Estudos Globais/Programa de Doutoramento em Estudos Globais sediada na Universidade Aberta, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Feira do Livro do Funchal dedicada a Saramago

A 47.^a Feira do Livro do Funchal (Madeira), que irá decorrer de 12 (sexta-feira) a 21 de Novembro, será dedicada ao escritor e Nobel da Literatura José Saramago. À hora de fecho desta edição, estava confirmada a presença dos autores João Garcia Miguel, Carlos Reis, Zeferino Coelho (editor de Saramago), Vítor Sousa, Irene Lucília Andrade, Sandro Nóbrega, Nuno Costa Santos, Ângela Almeida, Ana Salgueiro e José Luís Rodrigues. Na Feira do Livro estarão presentes 20 editoras, livreiros e alfarrábios [<https://www.facebook.com/feira-dolivrodofunchal>].

Colóquio «Artes, Ócio e Turismo...»

A Universidade de Aveiro (UA) recebe, nos dias 2 e 3 de Dezembro, o Colóquio «Artes, Ócio e Turismo: Diálogos do desassossego». As inscrições com ou sem comunicação ainda estão a decorrer até 15 de Novembro. O colóquio, cujo programa definitivo será conhecido a 30 de Novembro, é organizado no âmbito do projecto «Políticas de Cultura, Indústrias de Cultura e Ócio», do grupo «Entre Culturas - Hermenêuticas Culturais» do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da UA [<http://coloquioarte-socioetourismo.web.ua.pt/>].

6.º Festival de Artes BINNAR

Entre música, performance, fotografia, teatro, vídeo, escultura, imagem e outros, são vários os artistas e grupos que passam por Vila Nova de Famalicão até 30 de Novembro, na 6.ª edição do Festival de Artes BINNAR, criado e produzido pela plataforma BINNAR, da Associação Cultural Estrelas e Pelicanos. O evento, que conta com o apoio do Município de Vila Nova de Famalicão, decorre em vários espaços do concelho e tem entrada gratuita [www.binnar.org].

Roteiros do Outono em Coimbra

Nas manhãs de sábado, até 4 de Dezembro, os Roteiros do Outono visam aproximar o público da rotina do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Guiados por Marcelo Vianna, botânico no jardim, serão abordadas diversas temáticas desde espécies em vias de extinção, botânica ou jardinagem. As actividades são gratuitas, mas o número de vagas é limitado a 10 participantes e sujeito a inscrição [jardim.botanico@uc.pt]. 13, 20 e 27 de Novembro e 4 de Dezembro são as datas das sessões que ainda decorrerão. Esta actividade é realizada nos meses que antecedem as comemorações dos 250 anos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, destinada aos habitantes do concelho de Coimbra, ao abrigo do Protocolo de Cooperação sobre o Jardim Botânico, celebrado entre o município de Coimbra, a Universidade de Coimbra, e as Águas de Coimbra.

em
notícia

as
artes
entre
as
letras

10 NOV 21

23

Feira de Outono | Artesanato do Marco

No próximo sábado (dia 13 de Novembro), irá realizar-se, no Marco de Canaveses, a Feira de Outono | Artesanato do Marco. Promovida pela Escola Profissional de Arqueologia, pela Associação dos Artesãos do Marco de Canaveses e pela Câmara Municipal do Marco de Canaveses, a iniciativa decorre entre as 10 e as 18 horas.

1927-1974 nos Encontros de Outono 2021

«Conspirações, revoltas e revoluções em Portugal (1927-1974)» é o tema deste ano dos Encontros de Outono, um colóquio organizado pelo Museu Bernardino Machado, que decorre no auditório da Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, nos dias 19 e 20 de Novembro (sexta-feira e sábado). As sessões abordam desde «Reflexões sobre conspirações, revoltas e revoluções contra a Ditadura Militar e o Estado Novo (1927-1974)» pelas palavras de Fernando Rosas, da Universidade Nova de Lisboa, até «As conspirações da oposição republicana no exílio na década de 30. Esperanças e desilusões» por Cristina Clímaco, da Universidade de Paris 8. A ligação da temática ao museu, prende-se com o facto de o patrono deste, Bernardino Machado, ter sentido de perto algumas destas revoltas e revoluções na I República, sendo de salientar a revolução de 28 de Maio de 1926 que o levou a renunciar ao exercício do cargo de Presidente da República, e a exilar-se em França, a partir de 1927, de onde combateu a ditadura do Estado Novo no plano doutrinário e liderando a Liga de Paris. As inscrições para o colóquio já estão abertas e decorrem até ao dia 17 de Novembro [<https://forms.gle/HGNkkGQ28jLbFpuv5>]. O evento é aberto ao público em geral, e está certificado como Acção de Longa Duração pelo Centro de Formação Associação de Escolas de Vila Nova de Famalicão (CFAEVNF) para os grupos disciplinares de História, Geografia, Português e Economia. [Mais informações: www.bernardinomachado.org]

Candidaturas ao Arte Laguna Prize

Termina a 30 de Novembro de 2021 o prazo para apresentação de candidaturas à 16.ª edição do Arte Laguna Prize, concurso internacional de arte organizado anualmente pela Associação Cultural MoCA. O concurso visa a promoção e valorização da arte contemporânea, acolhendo obras de pintura, escultura, fotografia, video-arte e performance, arte virtual e digital, com o objectivo de dar a conhecer e promover talentos artísticos, a nível internacional, que se destaquem no universo das artes visuais contemporâneas [informações: Info@premioartelaguna.it; <https://artelagunaprize.com/>].

Vídeo Oficial de Coimbra 2027 é o “melhor do ano” pela IPRN

O filme oficial da candidatura de Coimbra a Capital Europeia da Cultura 2027 foi distinguido como «Vídeo do Ano» pela International Public Relations Network (IPRN), num encontro de quatro dias que se realizou em Lisboa e que, pela primeira vez, se reuniu em Portugal, juntando mais de 40 agências de todo o mundo. O vídeo pode ser visto em: <https://vimeo.com/537174901>.

1.ª Bienal Internacional de Poesia de Oeiras

A 1.ª edição da Bienal Internacional de Poesia de Oeiras (BIPO) terá lugar entre os dias 16 (terça-feira) e 21 de Novembro, no Templo da Poesia - Parque dos Poetas, em Oeiras. A BIPO irá contar com mais de 100 convidados provenientes de três continentes. Este é um evento gratuito e aberto ao público com uma programação multicultural e multidisciplinar. «Poder e Democracia» é o tema desta edição, que se insere no âmbito da candidatura de Oeiras a Capital Europeia da Cultura 2027. A entrada para o evento é gratuita, mediante inscrição que já teve início [bienaldepoesiadeoeiras.pt].

BaZe Oficina

A Câmara Municipal da Maia criou a BaZe Oficina - Fablab Maia, que “é uma iniciativa inserida no projecto BaZe - Balanço Zero e pretende ser um laboratório de fabricação destinado a toda a comunidade”. Ali poderá ser colocada à prova a imaginação de cada um na construção de projectos nas mais variadas áreas, tendo sempre como objectivo principal a partilha comunitária de conteúdos, projectos e experiências [mais informações: baze.oficina@cm-maia.pt].

18.º Capítulo da Confraria Queirosiana

Os Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana vão voltar a comemorar o aniversário de Eça de Queiroz com a realização do 18.º Capítulo. O evento decorrerá no Salão Nobre, no Jardim das Camélias e no pavilhão do Solar Condes de Resende, em Vila Nova de Gaia, no dia 20 de Novembro (sábado), pela primeira vez a partir das 11 horas com a entronização de novos confrades, a que se seguirá o habitual almoço com animação, além de outros contributos queirosianos. Depois de no ano passado não ter sido realizado o habitual Capítulo da Confraria Queirosiana devido à pandemia, tendo o mesmo sido simbolicamente substituído por uma videoconferência, os Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana voltam a reunir-se naquele que é o principal momento de confraternização entre os associados, confrades e amigos da associação. A organização alerta que serão feitas as adaptações que forem indicadas pelas autoridades sanitárias.

Reposição d' «O Punho»

A Escola de Mulheres apresenta, em reposição, «O Punho», no Espaço Escola de Mulheres (Clube Estefânia), de 15 a 21 de Novembro, às 21 horas. A partir da obra homónima de Bernardo Santareno, «O Punho» é a última versão cénica de Fernanda Lapa, uma criação de 2020, a 69.ª produção Escola de Mulheres. A reposição é feita com o apoio do Programa Garantir Cultura (tecido empresarial).

«Hotel Paraíso» estreia no Funchal

A mais recente criação do colectivo Silly-Season, «Hotel Paraíso», estreia-se no Teatro Municipal Baltazar Dias, no Funchal, de 24 a 28 de Novembro, às 21 horas. Seguem-se depois apresentações no Teatro Estúdio Ildefonso Valério, em Alverca, a 3 e 4 de Dezembro; na Escola de Mulheres, em Lisboa, de 16 a 19 de Dezembro; e no Teatro das Figuras, em Faro, a 12 de Março de 2022. O colectivo partiu do conceito misterioso e encantatório de ilha, para construir um espectáculo que apresenta um hotel em ruínas, num futuro distópico e corrosivo. As alterações climáticas, a ascensão regimes totalitaristas, a ideia de uma Europa em ruínas ou a relação homem-máquina são temas transversais aos habitantes que vivem presos neste «Hotel Paraíso» e que se encontram, também eles, em decadência. Com texto e direcção de Cátia Tomé, Ivo Saraiva e Silva e Ricardo Teixeira, o espectáculo conta com interpretação dos próprios e de Ana Moreira, Paula Erra, Rafael Carvalho e Vítor Silva Costa.



«O Inesquecível Professor» no D. Maria

«O Inesquecível Professor» é a mais recente comédia de Pedro Gil e estreia-se na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II amanhã (dia 11), onde ficará em cena até ao dia 20 de Novembro. Em «O Inesquecível Professor», um consagrado professor de teatro está prestes a entrar na reforma e já não sente a alegria do primeiro dia de aulas. Acredita que o teatro pelo qual se bateu, e que ensinou, não se cumpriu. Mas o pior ainda está para vir: o professor convence-se de que a única forma de impedir que uma turma de finalistas acabe como ele, é fazer tudo o que estiver ao seu alcance para a salvar da vida de teatro. A peça segue em digressão, integrado na RedeEunice Ageas, um projecto de circulação nacional de espectáculos produzidos e co-produzidos pelo D. Maria II. Passará pelo Centro de Artes do Espectáculo de Portalegre (a 27 de Novembro), pelo Centro Cultural do Cartaxo (a 4 de Dezembro) e pelo Teatro Municipal de Bragança (a 15 de Janeiro de 2022).

Regresso do FesTacco

O Círculo Católico de Operários (CCO) de Vila do Conde está a levar a cabo a 5.ª edição do FesTacco - Festival de Teatro Amador do CCO, até 27 de Novembro. As peças sobem ao palco do Auditório do CCO aos sábados, às 21h30. «O Solar dos Távora», pelo Getepepe, de Perafita, a 13 de Novembro; «A Importância de Ser Ernesto», pelo Grupo Dramático e Recreativo de Retorta, de Valongo, no dia 20; e «Os Maridos da Viúva», pelo TACCO, o anfitrião do evento, a 27 de Novembro, são os espectáculos que completam a programação desta edição do FesTacco. O festival tem como propósito enaltecer o Teatro Amador, forma de expressão à qual o CCO se tem dedicado, praticamente desde a sua fundação. O CCO é uma Associação Cultural, com 116 anos de existência, sendo o Teatro, ao longo dos anos, uma das suas actividades principais.

«Killology»

Diogo Mesquita, Luís Lobão e Romeu Vala dão corpo a «Killology», um texto de Gary Owen, que problematiza a influência dos videojogos violentos na sociedade actual. A encenação é de Gonçalo Carvalho. O espectáculo vai estar em cena no Teatro Municipal Joaquim Benito, em Almada, nos dias 12, 13 e 14 de Novembro, sexta e sábado, às 21 horas, e domingo, às 16 horas.

«Quem vai ao mar»

O mais recente espectáculo do projecto Boca Aberta, do Teatro Nacional D. Maria II, «Quem vai ao mar», é destinado a crianças a partir dos 3 anos, e chega ao Salão Nobre Ageas a 27 de Novembro (sábado), com réplicas nos dias 4 de Dezembro, 8, 15 e 22 de Janeiro de 2022, sempre aos sábados, às 16 horas (exceptuando a sessão de 15 de Janeiro, que se realiza às 11 horas). No dia 8 de Janeiro, o espectáculo contará com interpretação em Língua Gestual Portuguesa e Audiodescrição. «Quem vai ao mar» parte dos temas da descoberta e do risco, para levar as crianças a reflectir sobre a importância da viagem, das aventuras e dos perigos que se podem enfrentar.

Festival Panos online

Ao longo de uma semana, será possível assistir gratuitamente a 12 espectáculos criados por grupos de teatro escolar e juvenil, a partir de textos originais de Dulce Maria Cardoso, Gonçalo Waddington e Pascal Rambert. O Panos - Palcos novas palavras novas encomenda, anualmente, peças originais a escritores com reconhecimento para serem representadas por adolescentes, cruzando o teatro escolar e juvenil com as novas dramaturgias. Depois de estreadas as suas criações originais, um júri selecciona seis dos grupos de teatro participantes no projecto para apresentarem os seus espectáculos no Teatro Nacional D. Maria II, no Festival Panos. Em 2021, excepcionalmente, o festival realiza-se online, dando a possibilidade aos grupos que não puderam apresentar os seus espectáculos presencialmente, devido à pandemia, de os dar agora a conhecer ao público. Sob coordenação de Sandro William Junqueira, os 12 espectáculos de Panos podem ser vistos online gratuitamente, de 15 a 21 de Novembro, na Sala Online do D. Maria II [mais informações: <https://www.tndm.pt/pt/espectaculos/festival-panos-online/>].

«O barbeiro de Sevilha» para toda a família

«O barbeiro de Sevilha» com actores e marionetas, a partir de Rossini, e com encenação de Teresa Gafeira, vai estar no Teatro Municipal Joaquim Benito (Sala de Ensaios), em Almada, nos dias 13 e 14 de Novembro, sábado, às 16 horas, e domingo, às 11 horas. Era uma vez um teatro azul por fora chamado Teatro Azul (ou então Teatro Municipal Joaquim Benite) que tinha muitos técnicos sem os quais nada do que se passa num teatro poderia acontecer. Nesse teatro também se fazia ópera, que é um espectáculo como os de teatro mas com mais música e uma orquestra, e no qual as personagens (aos safanicos e abanecos se forem marionetas) fazem coisas incríveis, como por exemplo birras mas a cantar – isto é, cantam birras, que é uma maneira muito interessante de fazer uma boa birra – e por vezes falam sozinhas (quando estão a cantar árias). Neste espectáculo, que é sobre uma ópera cómica que tem uma música que foi composta por um senhor italiano que nasceu e morreu há muito tempo e se chamava Gioachino (Joaquim, em italiano) Rossini (1792-1868), para além de se ficar a saber tudo sobre o que é uma ópera, também se pode assistir a uma versão muito divertida de «O barbeiro de Sevilha».

Romantismo Ibérico em recital e conversa

A Extensão do Romantismo do Museu da Cidade do Porto está a levar a cabo um conjunto de concertos e conversas, num total de sete. A terceira sessão – no dia 25 de Novembro, entre as 19 e as 20h30 – centra-se no compositor, pianista e dramaturgo Isaac Albéniz (1860-1909), “figura incontornável do contexto musical espanhol, tendo sido discípulo de F. Liszt. Albéniz é o primeiro da ilustre tríade musical, juntamente com Granados e Manuel de Falla (1876-1946), combinando elementos da harmonia impressionista, da pianística de salão do século XVIII com temas de folclorismo ibérico. Esta inspiração dos ritmos e melodias do rico folclore espanhol, também é encontrada em Manuel de Falla, cujas composições, brilhantes e coloridas, remetem-nos para as paisagens da Andaluzia. Depois da interpretação de Sofia Lourenço ao piano, segue-se uma conversa, moderada por Pedro Monteiro, com o poeta e crítico literário António Carlos Cortez que se debruçará sobre o Romantismo Ibérico, na respectiva atmosfera lírica e dramática”.

Museu de Lamego encerrado ao público

O Museu de Lamego está encerrado ao público devido às obras de reabilitação em curso no edifício. Iniciadas em Setembro e com um prazo de execução de 330 dias, as obras de reabilitação visam melhorar as condições de acessibilidade do museu, por forma a reforçar a sua vocação pública e melhorar a experiência cultural e educativa de um público cada vez mais vasto e abrangente, transformando-o num espaço inclusivo, um espaço para todos. As obras de reabilitação inserem-se na operação «Museu de Lamego. Museu para todos».

Oitava edição do Porto/Post/Doc

São mais de 99 filmes que, entre os dias 20 e 30 de Novembro, constituem o esqueleto programático da edição 2021 do Porto/Post/Doc. No ano em que o festival retorna ao seu formato normal, com sessões em seis salas da cidade, há espaço para cinema, performance, festas e uma extensão ao online que alarga a presença dos conteúdos do evento a todo o país. A 8.ª edição do Porto/Post/Doc realiza-se no Teatro Municipal do Porto - Rivoli, Passos Manuel, Coliseu Porto Ageas, Casa Comum da Reitoria da Universidade do Porto, Sala Estúdio Perpétuo e Planetário do Porto - Centro Ciência Viva [programação completa: <http://portopostdoc.com/>].

«Antes» no CCA

Na próxima sexta-feira (12 de Novembro), o auditório do Centro de Artes de Águeda (CAA) será palco da apresentação de «Antes». Recentemente apresentado no ISKV Tiyatro Festivali - Istambul, Théâtre de la Ville em Paris e no Hiroshima em Barcelona, o texto de Pedro Penim aborda com ironia e humor a sensação de saudade, o apego ao passado. Com início às 21h30 (50 min), é para maiores de 12 anos (os bilhetes adquiridos para a data anteriormente prevista, são válidos para a nova sessão). E no dia 18 (quarta-feira) regressa a música ao Café Concerto do CAA, para uma nova sessão do Ciclo «Quinta às 7». Com início às 19 horas (50 min), Marinho é a convidada.

30.ª edição do Guimarães Jazz

A partir de amanhã (11) e até 20 de Novembro, a cidade de Guimarães é novamente contaminada pela vibração jazzística de um festival que há 30 anos celebra com a versatilidade e pluralidade que marcam o presente e o futuro do jazz. Novos paradigmas, risco musical e intimidade emocional convivem nesta edição tendo por base um princípio simples de diversidade das expressões artísticas que este ano reúnem alguns dos nomes essenciais do jazz global contemporâneo tais como o pianista Vijay Iyer, o compositor e arranjador Jim McNeely, o guitarrista Marc Ducret, o contrabaixista Chris Lightcap ou o baterista Gerry Hemingway, entre muitos outros que participam nesta experiência alargada de divulgação do jazz. Experiência este ano revelada ao público com epicentro no Centro Cultural Vila Flor e ramificações que se estendem ao Centro Internacional das Artes José de Guimarães e ao Convívio Associação Cultural. Em 2021, o Guimarães Jazz consolida também uma vertente que se tem vindo a acentuar na programação nos últimos anos do festival, relacionada com uma maior atenção a projectos internacionais de menor perfil mediático mas que acrescentam uma dimensão de risco musical e intimidade emocional. O regresso das essenciais actividades paralelas do festival é marcado nesta edição pelas exposições «A Sabedoria do Espanto» – mostra dedicada aos 30 anos de Guimarães Jazz que inaugura no Palácio Vila Flor às 18 horas do dia do arranque do festival, incluindo neste âmbito uma visita orientada à mesma no dia 13 pelas 11 horas – e «60/30», exposição de fotografias que invoca a memória das jams sessions que tiveram lugar no Convívio Associação Cultural ao longo das 30 edições do festival. Jam Sessions que estão de regresso ao Convívio (11 a 13 Novembro) e ao Café Concerto do CCAFV (18 a 20 Novembro), lideradas nesta edição pelo Ryan Cohan Quintet [<https://www.guimaraesjazz.pt/>].

Comemorar a Unicepe

O 58.º aniversário da Unicepe - Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto é celebrado no próximo dia 19 de Novembro (sexta-feira) e conta com a participação de Carlos Alberto Moniz. Como habitualmente, a comemoração inicia-se com o Jantar de Amizade Unicepe, o 194.º, para o qual estão abertas as inscrições (Unicepe@net.novis.pt) e que tem início às 19 horas. As canções por Carlos Alberto Moniz (“ensaio de porta aberta”) iniciam-se às 21h30, depois de serem entregues os cartões aos novos associados da cooperativa. No dia 23 de Novembro (terça-feira), às 18h15, a Unicepe recebe Agostinho Santos, Ilda Figueiredo e Valter Hugo Mãe para uma conversa sobre dois livros: «Um rio, um pássaro a dizer a nossa língua e apenas uma madeira de aúra-masda» (Agostinho Santos (pinturas) e Valter Hugo Mãe (conto)) e «Deserto Longo» (Agostinho Santos (pinturas) e Ilda Figueiredo (poemas)).

«Da minha varanda...» as inquietações e os desafios



FOTO: DR

Foto do blogue
de Zilda Cardoso

Zilda Cardoso tem novo livro. «Da minha varanda...» teve já lançamento e está já à venda. Terá, contudo, uma nova apresentação a cargo de Mónica Baldaque; será no dia 19 de Novembro (sexta-feira), na Biblioteca da Fundação de Serralves, no Porto, às 18 horas. Este novo livro é uma colectânea de textos que foi publicando no seu blogue, «O Fio de Ariadne» (<https://zildacardoso.blogs.sapo.pt/>), que desde 2008 mantém activo. O volume é dividido em quatro capítulos, uma subdivisão a que deu o nome *Comentários do Blogue* e um texto com que a autora abre o livro e onde fala do seu percurso, do seu currículo. Sob o título *O meu trabalho*, começa por recordar a colaboração regular que manteve, nos anos 80, com os jornais do Porto «O Primeiro de Janeiro» e «O Comércio do Porto» – neste como responsável de uma página semanal que tratava de problemas que diziam respeito à mulher, com grande ênfase à violência doméstica –, lembrando a fase em que foi galerista, “tendo fundado com Elvira Leite e Jorge Cardoso a Galeria Vantag dedicada à arte naïf e ao design português, pioneira na divulgação desses objectos de decoração e de mobiliário ao gosto contemporâneo”. Nasceu e estudou no Porto. É bacharel em Contabilidade e licenciada em Filosofia; frequentou ou é diplomada em cursos de Inglês e de Genealogia. Na qualidade de colaboradora permanente em jornais diários publicou “poesia, recordações de viagens, pequenas histó-

rias para crianças e artigos de intervenção social”. Publicou os livros *A Rua do Paraíso*, *Ana Augusta* e *Cerejas de Celuloide*. *A Rua do Paraíso | Recordações de um lugar portuense (1935-1950)* tem prefácio de Agustina Bessa-Luís: “Se não fossem pessoas como Zilda Cardoso, que da memória fazem uma cidadania adornada de mil carinhos e realidades pensativas, os lugares ficavam mais tristes. O seu passado, orgulho do presente, perdia-se. Desapareciam por não ter quem deles informasse o mundo.[...] *A Rua do Paraíso* é melhor, muito melhor, que o *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore. E melhor porque é encontro das nossas próprias recordações e não limite da nossa fantasia”.

Zilda Cardoso escreveu no texto que inicia este novo livro: “Se o meu pensamento é provocante, a minha fala deverá do mesmo modo sê-lo. Escolhi o meu papel, é esse: faço perguntas. Provoco. Procuo fazer as certas para o momento. Há quem não compreenda e não aceite; para mim é o mais importante. Porque respostas... tenho a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, alguém vai dá-las. Porém é imprescindível que outro alguém, muitos outros “alguéns” façam as perguntas. E prefiram beber a cicuta a deixar de filosofar. Junto-me ao grupo!”.

Por seu lado, na sua página de facebook respondeu à dúvida *Para Quem Escrevo*: “Posso dizer que escrevo para os que querem partilhar comigo o mesmo que eu quero partilhar com eles: o meu fascínio pela beleza, pela simplicidade, pela consciência da poesia que está nessas coisas naturais e as ilumina.

A minha intenção é que quem me lê seja estimulado para que desperte a sua imaginação criadora e vá por aí fora regozijando-se com o que está a ver, a pensar e eventualmente a criar. Sentir-me-ia realizada se soubesse que tinha influenciado alguém a ponto de despertar a sua imaginação criadora. No fundo, escrevo porque gosto...”, declara.

O livro que o professor e historiador Helder Pacheco considera ser de cróni-

cas – e “se assim não for catalogado pela *nomenklatura* literária, para mim é o mesmo”, assevera com a sua conhecida sinceridade – contempla um conjunto de pequenos textos que reflectem as observações e pensamentos da autora: “O que mais importa e é tentador é podermos inventar coisas novas. É sempre possível pensar de forma original.

Pensar...

E acredito, como outros, que a forma como um investigador, escritor, pensador analisa, pensa e escreve pode abrir novas perspectivas sobre a humanidade. Parece grandioso dito assim, mas é verdade que a sua escrita pode apontar para uma nova maneira de ver o mundo. E se dá a ler o que (pensou e) escreve, se publica é porque admite que o que apresenta tem algum valor.

Pois é disso que lhes falo nos meus pequenos textos que são ao gosto contemporâneo, no sentido de que aceitam o efémero e o imperfeito (o transitório), e que, por vezes, se abrem a uma pluralidade de sentidos – é um *desafio*.

Estão reunidos em colectânea, neste volume, aqui, alguns dos que foram publicados ao longo de cinco anos no blogue e receberam dos leitores interessantes comentários, o que considero fundamental neste tipo de escrita”. Sob o título *De como o mar da Foz fez falta a Katherine Mansfield*, Helder Pacheco escreveu sobre o livro: “Gosto de ler crónicas e procuro-as por todo o lado. Dito isto, na página 47 o meu entendimento do significado latente na escrita de Zilda Cardoso ficou definido na frase «Por que amamos a Vida?».

De facto, o que li e se tornou conclusão persistente são as inquietações ou desassossegos sobre o sentido do ser e da nossa própria existência num mundo em constante mutação. Mas a autora nunca perde o rumo, a verdadeira (embora nem sempre evidente) direcção de um caminho carregado de futuro (até proclama: «As mulheres e os homens novos estão aqui. Estiveram sempre aqui.»)”.
.....





Maria Luísa Malato
Universidade do Porto

A PINTURA DE ARMANDA PASSOS ou COMO VOLTAR AO PARAÍSO

No princípio, criou Armanda Passos um Céu e uma Terra. O Céu era branco e a Terra tinha todas as cores em que o branco se transforma quando desce dos céus e se estilhaça no chão. Depois a Terra ficou azul, verde, vermelha, amarela, e tomou formas bem definidas e alargadas no traço. A luz inundava tudo, só deixava na sombra o traço negro que definia as fronteiras entre as cores irmãs, nascidas do mesmo ventre branco. E Armanda Passos viu que a luz do Céu era boa quando assim se estilhaçava na Terra.

Não havia noite nem dia, mas o dia se fechava noite e a noite abria em dia. E disse ela então: façamos os seres humanos à nossa imagem, conforme à nossa semelhança, e dominem eles sobre os peixes do mar e as aves dos céus, sobre toda a terra e tudo o que rasteja. E criou Armanda Passos uma mulher à sua imagem, à imagem de Armanda Passos a criou. Deu-lhe uma gargalhada de criança e largou-a no jardim.

As cores produziram diferentes formas que depois ela reconhecia serem pássaros, plantas, peixes, crianças, marionetes ou mulheres. As escamas dos peixes tomavam as formas das penas dos pássaros, e as penas dos pássaros eram como dobras de túnica ou de xaille. E das penas dos pássaros saiu o ar, das escamas dos peixes surgiram as águas. Das crianças nasceram as bonecas. Das marionetes os fios dos titeiros. E das mulheres tudo isto.

Para que tudo ficasse claro, Armanda Passos colocou as mulheres no centro da tela. E pareceu-lhe que isso era bom. As túnicas e os xailles das mulheres deixavam-lhes as mãos e os pés nus. As mãos e os pés eram estranhos. As mãos pareciam garras e seguravam contra si flores, pássaros e peixes. Os pés poisavam poderosos no solo, como os dos sáurios. Era como se as águas tivessem produzido répteis de alma vivente. Ou do ar tivessem nascido as aves que só voavam quando se conseguiam soltar das mãos que as criaram como em ovos. E Armanda Passos os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e

enchei a terra e o mar. E assim sucedeu a cada ser, conforme a sua espécie em potência. Mulheres havia que se transformaram em peixes. Aves que se transformavam em mulheres. Répteis se confundiam com pássaros. E crianças com bonecas de bonifrate. Cada qual era como cada outro, porque tudo constantemente se transformava no que podia ser ou já tinha sido. E viu Armanda Passos que isso era bom.

E disse a mulher à serpente, a mais rastejante das alimárias que sem pernas se erguia no ar: – Do fruto das árvores do jardim comeremos e ainda daquela maçã que nos levar daqui comeremos, comeremos dela ambas, para não morreremos antes de descobrir quem somos. Certamente não morreremos, porque no dia em que dela comeremos se abrirão os nossos olhos e veremos como estão muitas vezes confundidos o bem e o mal.

E vendo a serpente que aquela árvore era boa para se comer e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e a

deu à mulher e comeram dele. E foram então abertos os olhos de ambos, mas também depois para sempre ficaram abertos os olhos dos peixes imersos na água e até os olhos das aves batidas pelo vento. E todos os seres viram que estavam nus, apesar das escamas, das penas, dos fios e das túnicas. E não buscaram mais folhas de figueira, nem se esconderam quando Deus os chamou pela brisa da tarde.

E viu Armanda Passos tudo quanto tinha feito, e pensou que estava bem: um paraíso do avesso, para nele poderemos entrar quando fossemos expulsos do outro.

Assim, os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Armanda Passos acabado a sua obra que tinha criado, descansou no sétimo dia de toda a sua obra que tinha feito. Estas são as origens dos nossos céus e da nossa terra quando foram recriados. E neles passámos a morar também.

FOTO: DR





RATES

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL CAMINHOS DE SANTIAGO ALMINHAS, RELÍQUIAS E RELICÁRIOS

19-20 NOV 2021
S. PEDRO DE RATES

CONFERENCISTAS DE:
PORTUGAL, ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, BRASIL, ALEMANHA

FEIRA DO LIVRO
INSCRIÇÕES ATÉ 10.NOV.2021

JUNTA.FRATES@GMAIL.COM OU
JUNTA DE FREGUESIA DE S. PEDRO DE RATES
LG. PADRE ARNALDO MOREIRA, 1
4570-412 RATES



ALMOBEO
PARCIB



Póvoa de Varzim
CÂMARA MUNICIPAL